



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM GESTÃO PÚBLICA

JOILSON DOS SANTOS ARAÚJO

OS MENINOS DA MINHA RUA

Uma análise acerca da percepção dos jovens da comunidade dos Três Riachos, Cachoeira-BA sobre a educação superior

Cachoeira – BA

2021

JOILSON DOS SANTOS ARAÚJO

OS MENINOS DA MINHA RUA

Uma análise acerca da percepção dos jovens da comunidade dos Três Riachos, Cachoeira-BA sobre a educação superior

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública, Centro de Artes Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Tecnólogo em Gestão Pública.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Lys Maria Vinhaes Dantas

Cachoeira – BA

2021

JOILSON DOS SANTOS ARAÚJO

OS MENINOS DA MINHA RUA

Uma análise acerca da percepção dos jovens da comunidade dos Três Riachos, Cachoeira-BA sobre a educação superior

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Tecnólogo em Gestão Pública.

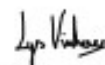
Aprovado em 28 de Maio de 2021.



Daniela Abreu Matos
Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Doraliza Auxiliadora Abranches Monteiro
Doutora em Administração pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Lys Maria Vinhaes Dantas
Professora Orientadora
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

ARAÚJO, Joilson dos Santos. **Os meninos da minha rua: Uma análise acerca da percepção dos jovens da comunidade dos Três Riachos**, Cachoeira-BA sobre a educação superior. 62 p. Trabalho de Conclusão do Curso de Tecnologia em Gestão Pública - Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2021.

RESUMO

Esta pesquisa busca analisar a percepção dos jovens da comunidade dos Três Riachos, um dos bairros periféricos da cidade de Cachoeira-BA, acerca da educação superior, uma vez que Cachoeira conta com um campus de uma universidade pública federal desde 2007. Esta comunidade destacou-se no município, nos últimos anos, devido ao índice de violência em decorrência principalmente do tráfico de drogas. Na busca em compreender se, nos projetos de vida da juventude da minha comunidade, havia espaço para o ensino superior, sete jovens foram convidados a participar de uma entrevista semiestruturada. Os dados colhidos nesta pesquisa apontam que, mesmo os jovens em questão tendo a necessidade de priorizar outras coisas, como trabalho/emprego, cuidar da família ou até ajudar nas despesas de casa, quando eles não são os próprios provedores em alguns casos, há sim o desejo do ingresso no ensino superior.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Superior; juventude; periferia, projetos de vida

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista da Ponte Dom Pedro II, que liga os municípios de Cachoeira e São Félix, 2021	24
Figura 2: Rota do CAHL à Comunidade dos Três Riachos	26
Figura 3: Vista aérea de Cachoeira, Bahia, e o trajeto do CAHL no Centro à Comunidade dos Três Riachos (ponto vermelho), 2021	26
Figura 4: Foto de uma das vilas residenciais.....	27
Figura 5: Quadra poliesportiva na Comunidade Três Riachos, Cachoeira – Bahia	27
Figura 6: Foto CRAS – Centro de Referência e Assistência Social.....	28
Figura 7: Foto da Ponte na entrada do bairro.....	29
Figura 8: Foto de satélite da Comunidade Três Riachos, Cachoeira – Bahia.....	29
Figura 9: Foto do posto de Gasolina – Posto Três Riachos.....	30
Figura 10: Mapa de palavras dos entrevistados dos Três Riachos sobre sua relação com o bairro. Três Riachos, 2021.....	40
Figura 11: Status dos respondentes dos Três Riachos quanto a seus sonhos de infância. Cachoeira, 2021	44
Figura 12: O que motiva os jovens dos Três Riachos, na busca do Ensino Superior. 2021	48
Figura 13: O que desmotiva os jovens dos Três Riachos, na busca do Ensino Superior. 2021	50

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Boletim Informativo – Prefeitura Municipal da Cachoeira-Ba	33
Quadro 2: Características dos entrevistados na Comunidade dos Três Riachos, Cachoeira, 2021	36

SUMÁRIO

UM MENINO DA MINHA RUA	8
INTRODUÇÃO	12
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
Juventude e projetos de vida	16
Expansão e democratização da Educação Superior	20
MÉTODO.....	24
Abrangência: Cachoeira e a Comunidade Três Riachos	24
Seleção da amostra e perfil dos respondentes	31
Técnica de coleta de dados	32
Análise de dados	34
Questões éticas	34
RESULTADOS	36
A relação dos jovens com a comunidade dos Três Riachos	37
Sonhos e projetos dos jovens dos Três Riachos.....	42
A educação superior para os jovens dos Três Riachos.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS: OS MENINOS DA MINHA RUA	55
REFERÊNCIAS.....	57
Apêndices	59
A. Termo de consentimento livre esclarecido.....	59
B. Autorização de uso de áudio.....	61
C. Roteiro de entrevista	62

Tudo o que um sonho precisa para ser realizado é alguém que acredite que ele possa ser realizado.

- **Roberto Shinyashiki**

UM MENINO DA MINHA RUA

Quem não conhece ou nunca conheceu uma criança que sonha em ser veterinário? Eu sou uma dessas crianças, lembro que já era um adolescente e ainda tinha esse desejo, por volta dos meus quinze ou dezesseis anos de idade que esse pensamento começou a mudar. Acredito que por gostar de cachorro (a maioria das crianças costumam gostar), imaginava que trabalhar cuidando de animais seria algo que eu me desenvolveria bem, além de poder ajudá-los.

Como vinha falando, na adolescência esse desejo começou a mudar e percebi que, na verdade, me tornar veterinário era apenas um desejo infantil e que nada estava amadurecido a esse respeito, coisa que com o tempo, comecei a dar forma. Sempre estive claro em minha mente que para me tornar veterinário teria que ingressar em uma instituição de ensino superior, mesmo não sabendo como, me refiro a não conhecer a forma que se davam os processos para tal, já que eu era razoavelmente novo. Ao passar dos anos, me deparei com o fato de não saber qual carreira seguir, mas o desejo de dar continuidade aos meus estudos sempre esteve presente.

Nesse momento quero dar uma pausa para falar da formação dos meus pais, eles têm algumas coisas em comum, ambos ainda não possuem o terceiro grau e concluíram o ensino médio já quando adultos, meu pai se formou alguns anos antes de minha mãe, que formou-se dois anos antes de mim, contudo, eles sempre incentivaram a mim e a meus irmãos a estudar e sobre a importância de ter no mínimo o ensino médio completo. Meus irmãos, até o momento, não concluíram a sua educação básica, abandonaram a escola ainda no ensino fundamental, pela idade que tem eles já poderiam estar formados.

Voltando os olhares para mim, saber e achar necessário dar continuidade a minha educação formal, é algo que sempre desejei. Como a gente às vezes fala, “desde que me entendo por gente” optei por ter uma formação média em magistério e descobri que gosto muito da área de educação. Antes mesmo de concluir o ensino médio, por orientação de alguns amigos, comecei a experimentar o ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio, para entender melhor como funcionava, fiz o exame dois anos antes de me formar, em ambos os anos,

não dei a atenção devida, no que diz respeito ao acompanhamento no processo seletivo. Nos dois últimos anos da minha formação média 2011 e 2012, eu tive a oportunidade de ser aluno de um pré-vestibular, um dos melhores aqui na época, sendo que no último ano, além de estudar pela manhã e fazer o cursinho a noite, eu já estava trabalhando pela tarde, o desejo de me tornar independente chegou muito forte quando completei 18 anos e através de um amigo, consegui essa oportunidade de emprego, tive a carteira assinada pela primeira vez aos 18, trabalhei como auxiliar de escritório de contabilidade. Então no último ano do ensino médio eu deixei o pré-vestibular, e no final do mês de outubro/2012, acabei perdendo o emprego. Ainda assim, preferi olhar a situação pelo lado positivo, tinha mais tempo para me dedicar a minha formação, já que naquele momento eu estava no período de estágio, e fazer plano de aula diariamente não foi tarefa muito fácil, porém, muito prazerosa.

Com esforço e vencendo um dia após outro, consegui concluir o segundo grau. No ano seguinte, minha mãe “apertou minha mente”: eu dizia que precisava descansar um pouco de estudo, para pegar um fôlego, e ela preocupada, achando que eu não teria mais interesse em estudar. Foi aí que, apenas para não deixar minha mãe extremamente chateada comigo, eu aceitei prestar vestibular para uma instituição de ensino superior privada aqui da região, a FADBA – Faculdade Adventista da Bahia. Nesse período eu pensava muito na área de administração de empresas e prestei vestibular para a área, fui aprovado, mas não tivemos condições financeiras para ingressar no curso. No mesmo ano (2013), em uma conversa com uma tia, (Cristiane) lembro-me como hoje, nós dois sentados à mesa, na cozinha e pela primeira vez alguém me falou da importância em ter uma Universidade Federal na minha cidade. A partir de então, me abri para buscar conhecer um pouco mais sobre a instituição e posteriormente sobre o CAHL, já que ele está localizado na cidade que eu moro, é interessante observar que anos antes, eu já havia tentando o Enem, mas, não de forma consciente, em busca de um objetivo.

Já no ano de 2013, estava certo do que queria, havia pesquisado e o Tecnológico em Gestão Pública foi o curso que eu escolhi, ainda pensando um pouco sobre administração e claro, pensando na minha realidade do momento. Naquele ano eu já estava trabalhando novamente em um outro escritório de

contabilidade também com carteira assinada, com isso precisava de um curso noturno e, como muitos dos jovens da minha cidade, eu também já havia desejado e até planejado me mudar para estudar e trabalhar fora, contudo, os laços criados foram mais fortes no momento.

Escolhi Gestão e fui aprovado, passei na lista de espera, quando vi que havia sido selecionado, chorei involuntariamente, foi uma emoção indescritível, saltei de alegria e falei para todas as pessoas que eu pude, imprimir aquela página e guardo até hoje, criei um valor sentimental por ela.

Enfim, iniciei a minha graduação, foi algo tão novo, acho que antes de começar a estudar, entrei no CAHL apenas três vezes, a primeira foi acompanhando um amigo (o mesmo que me conseguiu a entrevista de emprego), à biblioteca a segunda vez, foi para uma apresentação de teatro, juntamente com o grupo que eu participava, e a outra vez foi na minha formatura do ensino médio. Da mesma forma que não foi fácil chegar à graduação, não tem sido permanecer nela. Durante o meu percurso, tive que fazer algumas escolhas que talvez foram até radicais. Em 2015 decidi deixar meu emprego e pedi demissão para priorizar meus estudos, estava muito difícil fazer as duas coisas, sem falar nas outras atividades que eu desenvolvia na época, diferente do que imaginei, estar sem emprego não ajudou muito e no ano seguinte voltei para a mesma empresa (onde trabalho atualmente). As apostilas dos componentes curriculares sempre pesaram no nosso bolso, além das outras necessidades que eu tinha, com isso foi inviável permanecer sem trabalhar, assim, faço parte da classe dos Trabalhadores estudantes, porque, mesmo com o desejo de priorizar os meus estudos, trabalhar esteve como principal durante toda a minha graduação, já que eu não conseguiria me manter nela sem.

No percurso, algumas disciplinas abandonadas, outras reprovadas, mas a maioria foi de aprovação, em alguns momentos, que não foram poucos por sinal, pensei sim em desistir, mesmo faltando apenas o TCC II e uma outra disciplina obrigatória essa vontade apareceu repetidas vezes, tinha a sensação que não conseguiria chegar até o final. Ver os meus colegas concluírem o curso, voltarem para suas cidades e darem continuidade a sua vida, me fez pensar que talvez eu estivesse insistindo em algo que eu já não estava sendo capaz de dar continuidade, contudo, no fundo havia e há o interesse em concluir, talvez não

somente por mim, mas, por algumas pessoas que acreditam que sou capaz e que me fazem seguir em frente. Isso tem me fortalecido e, mesmo com dificuldades no percurso, tenho tentado até o dia de hoje.

O sonho de criança mudou, porém, jamais deixo de sonhar, sonhar sim porque sei que são coisas realizáveis e penso muito em dar retorno a esta cidade que me acolheu desde os meus dois anos de idade. Não sabemos o futuro da educação superior pública em nosso país, devido a tantas mudanças e cortes que estamos sofrendo a alguns anos, mas, se eu tiver a oportunidade, pouco mais a frente, depois de batalhar mais algumas batalhas quem sabe eu não me torno um dos docentes da nossa amada UFRB/CAHL.

Concluindo a minha graduação, não vou parar, vou encontrar vocês em vários outros espaços, debates, congressos e muitas trocas que a vida irá nos proporcionar. Cresci aqui nos Três Riachos, vi muita coisa acontecer, muita gente que veio e que se foi também. Na oportunidade registro aqui os meus agradecimentos a todos que contribuíram para mais esta vitória. A Educação resolve tudo? Creio que não, mas contribui para que as possam perceber que existem outras alternativas. Me chamo Joilson dos Santos Araújo, eu sou “Um Menino da Minha Rua”.

INTRODUÇÃO

Este trabalho, intitulado *Os meninos da minha rua: uma análise acerca da percepção dos jovens da comunidade dos Três Riachos, Cachoeira-BA sobre a educação superior*, surge a partir de uma inquietação, ou podemos dizer, de uma observação pessoal no que diz respeito ao pertencimento das comunidades das cidades de cachoeira e São Félix em relação ao Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Estudante do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Pública, do CAHL-UFRB, ingressante no primeiro semestre do ano de 2014, pude perceber, ao passar dos semestres, um aumento do número de pessoas, residentes e naturais dos municípios citados acima, ingressantes no campus da Universidade.

Lembro-me que, ainda adolescente, eu sempre pensava em ter uma graduação, mesmo sendo estudante oriundo de escolas públicas e morador de área periférica na cidade de Cachoeira-BA. Filho de pais que ainda não possuem terceiro grau, serei eu o primeiro da casa a conquistá-lo dentre os meus irmãos. Logo após concluir o segundo grau, comecei a compreender a importância de ter em minha cidade uma instituição de ensino superior da rede federal. Recordo-me também de um evento que marcou a cidade de Cachoeira no ano de 2005: o abraço à UFRB, um evento simbólico que reuniu estudantes da rede municipal naquele ano para, de mãos dadas, darem a volta no prédio do Quarteirão Leite Alves (onde se localiza o CAHL), em Cachoeira, Bahia. Ainda neste dia, a Cidade recebeu a visita do então Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva.

Fundada em 2005, a UFRB é uma universidade pública brasileira sediada na cidade de Cruz das Almas, com campi em Amargosa, Cachoeira, Feira de Santana, Santo Amaro e Santo Antônio de Jesus, municípios baianos. Sua administração central localiza-se no antigo campus da Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia, sendo a segunda universidade federal instituída no Estado da Bahia. É uma instituição pública autárquica vinculada ao Ministério da Educação e, portanto, realiza atividades de ensino, pesquisa e extensão em várias áreas do conhecimento. **Fonte: Site UFRB**

O CAHL é um Centro de Ensino vinculado à UFBR, instalado nos municípios de Cachoeira e São Félix. O CAHL promove uma formação humanista, voltada para a preparação de profissionais críticos, com conhecimento teórico e técnico, passíveis de atuação tanto no mercado de trabalho quanto na pesquisa acadêmica. Neste sentido, este Centro desenvolve uma compreensão mais ampla dos processos históricos, sociais, políticos e estéticos, promovendo a integração dos

discentes com a cultura local e valorizando as potencialidades socioculturais e artísticas do recôncavo.

Atualmente o Centro conta com dez cursos de Graduação relacionados com as potencialidades da região: Jornalismo, Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, Licenciatura em História, Museologia, Cinema e Audiovisual, Artes Visuais, Serviço Social, Bacharelado em Ciências Sociais, Licenciatura em Ciências Sociais e o Tecnológico em Gestão Pública; quatro Programas de Pós-Graduação: Mestrado em Serviço Social, Políticas Sociais e Territórios, Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas, Mestrado em Ciências Sociais, Mestrado em Comunicação, recomendado para funcionamento pela CAPES em janeiro de 2017. Dessa maneira, o CAHL cumpre a sua vocação histórica e os seus compromissos institucionais, pautando-se no respeito à diversidade acadêmica, política e ideológica. **Fonte: Site UFRB/CAHL**

Acreditando que a educação é o caminho para melhorar muita coisa em nosso país e no mundo, nunca pensei em parar de estudar. Mesmo não sendo o melhor estudante, aprendi que nem sempre é preciso ser “melhor”: às vezes basta não ter medo dos desafios que irão aparecer a nossa frente e sempre seguir em frente em busca dos nossos ideais. Desse modo, quando um indivíduo tem acesso ao conhecimento, o mesmo poderá notar que é possível observar uma mesma questão por ângulos distintos daquele que já está acostumado, gerando então uma teia de troca de conhecimento.

Esta vontade de estar na universidade não aconteceu para todos os meus colegas ou sequer para os meus irmãos. Acredito que os motivos que levam alguém a buscar uma graduação são diversos, bem como os motivos que fazem com que alguns jovens não a busquem também são variados. “Crescemos juntos”, é assim que costumamos dizer “lá na rua”. A maior parte de nós estudou durante todo o ensino fundamental e médio nas mesmas escolas, quando não na mesma turma. Um dos motivos que provocam esse desinteresse, em alguns casos, é a necessidade de trabalhar para ajudar nas despesas da casa, ainda que esses jovens não sejam os principais provedores, contudo, acredito que o mais pertinente seja o que costumo chamar de sentimento de não pertencimento. É possível notar em algumas falas, em conversas informais, algumas das afirmações: “esse negócio de faculdade é para quem é inteligente”, outros até pensam que “só ricos podem ter uma graduação”. Gravidez precoce, ausência ou até mesmo a existência de emprego/trabalho, falta de motivação pessoal ou de pessoas da família ou pessoas próximas, como também a baixa

escolarização dos pais, todos esses são motivos que geralmente desmotivam na busca da graduação.

Além disso, com o passar dos anos, pude perceber a olhos nus o aumento da violência e criminalidade na cidade e conseqüentemente na minha rua também. Lamentavelmente alguns dos meus colegas (parte considerável dos jovens do meu bairro) tomaram, como alternativa de vida, a vida do crime. Falo alternativa porque acredito que, assim como outros jovens conseguiram enxergar e galgar outras oportunidades, esses que viveram ou vivem no crime também poderiam ter visto as outras portas.

Ressalto que não estamos trazendo o terceiro grau como algo obrigatório. O intuito do nosso trabalho é buscar compreender o que tem motivado, ou não, os jovens da comunidade em questão (Comunidade dos Três Riachos) a buscar o ingresso no nível superior, já que, no momento, ainda temos, em nosso país, políticas públicas de acesso à graduação.

De acordo com uma pesquisa realizada por Zago (2006) com estudantes das camadas mais populares, muitos deles tiveram que passar por desafios diversos para conseguirem chegar à graduação e para, além disso, se manterem na mesma. É interessante observar que as políticas sociais de acesso à graduação não asseguram que o estudante tenha as condições necessárias para se manter nela. Com isso, muitos estudantes abandonam a graduação, não tendo condições financeiras, físicas e muitas vezes mentais para continuar. Ainda em 2021 temos muito a avançar, principalmente naquilo que diz respeito à garantia dos direitos básicos de cada indivíduo. E nos deparamos com cortes e ataques às universidades públicas.

Com estas inquietações e considerando as políticas de acesso e interiorização à/da educação superior, que surgiu o interesse em tentar compreender o que motiva, ou não, um jovem da comunidade dos Três Riachos a buscar continuidade na sua educação formal, após a conclusão do Ensino Médio, entender o projeto de vida desses jovens e analisar como os mesmos percebem as IES - Instituições de Ensino Superior.

Por se tratar de uma pesquisa realizada com jovens de uma localidade específica, (comunidade Três Riachos) ainda que seja apenas uma amostragem,

já que a pesquisa não se estende a todos os jovens residentes na comunidade, acredito que a principal contribuição é a de possibilitar dados que talvez não foram pesquisados antes, informações estas que vou chamar de iniciais, para desenvolvimento de estudos mais aprofundados acerca da temática abordada, tanto nas esferas municipais quanto estaduais e federais, a partir dos resultados, podendo pensar na realização de ações que contribuam na concretização do projeto de vida dos jovens em questão, bem como das gerações seguintes.

Esse trabalho está dividido da seguinte forma: Fundamentação Teórica, onde eu apresento conceitos que contribuem na construção da minha pesquisa, tendo dentro desse tópico os seguintes subtópicos: Juventude e Projeto de vida e, dentro desses projetos, o lugar da educação superior e expansão e interiorização da Educação Superior.

Seguindo, apresento o método utilizado na coleta e tratamento dos dados, que foi aplicado na construção da pesquisa; na seção seguinte, trago os dados tratados que são apresentados no ponto “resultados” e, por fim, concluo o trabalho com as considerações finais, expondo o quão importante foi para mim e para a minha comunidade a realização e contribuição para esta pesquisa.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na primeira subseção apresento a definição de juventudes, ressaltando que há individualidades nos grupos aos quais os jovens pertencem, assim como a definição de projeto de vida. Ainda falando sobre projeto de vida, reservo um tempo para refletir sobre o lugar da universidade, discutindo brevemente como a juventude tem percebido o terceiro grau, bem como, a importância atribuída ao nível superior e possíveis expectativas a partir da graduação. Já na segunda e última subseção apresento informações sobre o processo de criação das IES e com a sua criação as possibilidades que surgem para as classes mais pobres do interior no nosso país.

Juventude e projetos de vida

Início este capítulo compartilhando uma forma diferente, ou não, de olhar e pensar juventude. Compreendendo que cada indivíduo é único, seja em sua forma de pensar, falar e se comportar, desse modo, e em concordância com alguns escritores como (NOVAES 2007, p1; PAIS 1990, p.140; SANTOS 2018 p. 91) os jovens não são singulares, eles são plurais.

Vale lembrar que o meu primeiro contato com essa visão de “juventudes” acontece em uma disciplina optativa ofertada pelo meu curso. Na oportunidade pude notar que a pluralidade dos jovens vai além da sua forma de vestir-se, como também, dentro de um mesmo grupo social, há especificidades de cada indivíduo. Obviamente imaginamos que há diferenças entre os jovens de décadas distintas, contudo, é para além disso, mesmo os jovens que estão no mesmo período vivenciam experiências distintas e, através delas, tornam-se seres heterogêneos.

Não podemos pensar juventudes sem citar que os jovens vivem diferenças sociais e que há um momento em suas vidas que a literatura chama de “moratória social” (NOVAES,2007, p.1; ANDRADE, S.S. e MEYER, D. E., 2014, p.97). A moratória social é um momento em que os jovens podem experimentar, quem sabe até se isentar ou retardar algumas decisões importantes para a sua vida adulta, como por exemplo, que profissão seguir, que

cursos, faculdade ingressar, e coisas do tipo. Ratifico que essa experiência é vivida de formas distintas entre as mais diversas juventudes existentes, como veremos nos resultados da pesquisa realizada, os jovens em questão não têm a mesma condição de escolha se comparado a jovens de classe mais elevada (NOVAES, 2007 p.01), visto que, na maioria dos casos, esses jovens precisam desenvolver atividades laborais para contribuir na renda familiar, isso quando eles mesmos não são os provedores de suas casas.

Essa diferenciação financeira é um dos principais fatores que provocam, nos jovens das camadas populares, a necessidade de inserção no mercado de trabalho e em alguns casos de forma precoce e sem os cuidados necessários para que este menino ou menina, que está sendo inserida no mundo do trabalho, possa também conciliar de algum modo os seus estudos e futuramente concluí-los, como também em muitos casos que mesmo presenciamos pelas ruas da nossa cidade, existe até o interesse em que haja a conciliação entre as duas atividades, porém, acaba sendo difícil fazer os dois. Assim, esses jovens são levados da infância diretamente para a vida adulta, principalmente quando envolve o fator família. Mesmo sem dados quantitativos, vemos muitas meninas e meninos ainda menores e já são, no dito popular, pai/mãe de família e consequentemente provedores dos seus lares.

Os jovens inseridos nas classes sociais mais pobres, ainda com todas as “novas” ofertas de oportunidades de acesso e inclusão na educação superior, bem como no mercado de trabalho, por diferentes motivos, podem não ter a mesma condição que os jovens de classe social mais elevada, (NOVAES, 2007 p.01; GISI, 2006 p.2) no que diz respeito ao tempo para decidir e fazer escolhas para sua vida futura. Até porque eles não são apenas futuro, nós somos presente, e precisamos aqui e agora, tomar decisões para que estejamos no futuro. Até concordo que as gerações presentes serão as gerações futuras, com isso quero dizer que não se trata apenas de futuro, o jovem é o presente, ele está aqui e agora. É completamente inapropriado pensar apenas como se a população jovem fosse “surgir” em um momento denominado futuro.

A juventude das últimas décadas é uma juventude mais conectada com a informação em tempo real, ela está a todo instante se atualizando sobre aquilo que está ou não na moda, em novas formas de se expressar, e assim os jovens

reafirmam a sua identidade não apenas como grupo, mas como indivíduos que são receptores, mas também transmissores e formadores de opinião (PAIS, 2005.p.63)

A vida de um jovem é uma vida cercada de incertezas, que surgem das mais diversas áreas. Fazendo um gancho para entrarmos na apresentação e discussão sobre projeto de vida, é essencial falar das oportunidades que o mercado de trabalho possibilita para o público jovem, como também as oportunidades que esses jovens não têm. Ainda é comum, para algumas pessoas, enxergar o jovem como alguém irresponsável, e deste modo não dão a ele a oportunidade de desenvolver-se como cidadão que também pode atuar no mercado de trabalho. Além disso, preconceito, discriminação e marginalização ainda são fatores que também pesam no momento da procura de emprego. (NOVAES, 2007 p. 1-2) O jovem da atualidade começa a sua vida adulta cheio de tarefas, sendo que a sua maioria quase não tem tempo para o lazer. A necessidade do trabalho e a busca pela independência financeira são aspectos que podemos encontrar em muitos destes jovens.

Imaginar como vai ser o futuro é algo que a maioria das pessoas, senão todas, costuma fazer. Realização profissional, sentimental ou até uma viagem passam a ser tão esperados, mas, para que tudo isso saia o mais próximo do desejado, é necessário que haja um planejamento/um projeto.

A construção do projeto de vida é um processo de desenvolvimento pessoal/social. Considera-se assim, que o adolescente esteja preparado para iniciar essa construção após ser capaz de formar sua identidade, compartilhá-la com o grupo e comunicar sonhos, desejos, planos, metas. (MARCELINO, CATÃO, LIMA, 2009 p.547).

Em alguns casos, os jovens consideram importante dar continuidade à educação formal, porém, nem todos conseguem continuar. Alguns outros já não consideram tão importante assim, contudo há espaço para todas as formas de pensar, já que não existe o modelo de projeto de vida que pode ser aplicado a todos os indivíduos. Sendo assim, cada jovem vai pensar e planejar o seu futuro de forma diferente. O fato de ter um projeto de vida não significa que haverá total êxito, porém, planejar (traçar metas e planos) nos leva mais perto daquilo que estamos desejando alcançar.

Catão (2001b) define o projeto de vida como a intenção de transformação da realidade, orientado por uma representação do sentido dessa transformação, em que são consideradas as condições reais na relação entre passado e presente na perspectiva de futuro. Como perspectiva de futuro, reflete a autora que o projeto é vivenciado desde a infância, quando o indivíduo apreende sua condição social por meio da família e da comunidade. Contudo, essa construção não se limita apenas às condições objetivas de vida, mas é caracterizada na dialética entre a subjetividade e a objetividade, pois é através da reflexão crítica de suas vivências que os indivíduos veem possibilidade/impossibilidades de superação de uma determinada realidade no futuro. A construção do projeto de vida é uma configuração humana do ser cidadão, sujeito de sua história individual/social, uma criação analítica, crítica e articulada. (MARCELINO, CATÃO, LIMA, 2009 p.547)

Pensar no futuro é algo que não é tão simples para algumas pessoas, tem gente que sofre de ansiedade e o planejamento de um simples passeio pode fazer estas pessoas perderem o sono literalmente (conheço alguém assim). Nesse momento, paro e penso nas dificuldades que essas pessoas enfrentam no seu dia-a-dia.

No primeiro semestre da minha graduação, me deparei com um componente curricular intitulado: Introdução à Gestão Pública. No decorrer do semestre aprendemos sobre quatro funções básicas e de grande importância para desenvolver uma boa gestão, são elas Planejamento, Organização, Direção e Controle. Na oportunidade falei apenas sobre o planejamento. Como disse anteriormente, os conceitos foram apresentados como bases importantes no desenvolvimento de um bom trabalho em gerir, desse modo trago uma reflexão acerca do Planejamento de Vida.

Planejar não nos garante que executaremos algo de forma exata como foi traçada, contudo, possibilita perceber e criar estratégias que levem a alcançar os objetivos com maior êxito.

Entender isso é algo que deve ser iniciado ainda na infância, com as pequenas experiências, algumas vezes essas experiências passam de forma despercebida. Vejo o planejamento de vida como algo que é construído socialmente, de modo que algumas pessoas ou grupos não têm o planejamento de forma rígida, ou seja, têm um plano de vida mais flexível, com relação a outros grupos de pessoas. Desse modo, acredito que não há o modelo ideal que seja aplicável a todas as pessoas, bem como, o planejamento feito pode e certamente sofrerá modificações com o passar do tempo, e isso não significa que o objetivo

desejado não seja mais o mesmo, porém, que há outras formas de se chegar ao objetivo anteriormente estabelecido.

Em alguns casos, o objetivo é alcançar o nível superior, em outros casos o objetivo a ser alcançado está relacionado à passagem pela graduação, independente de qual seja o objetivo, para que ele seja alcançado é necessário estabelecer metas e ter foco seja em curto ou talvez em longo prazo. Parto do ponto que nos últimos anos tem crescido o interesse e ingresso de pessoas nas instituições de ensino superior (TEIXEIRA, 2020 p.3).

De todo modo, as políticas de expansão/interiorização da Educação Superior Pública e também as de sua democratização, a partir do Governo Lula, contribuíram para que estes objetivos pudessem ser realizados, também para os meninos da minha rua.

Expansão e democratização da Educação Superior

Por muitas décadas apenas os mais ricos tiveram a oportunidade e privilégio de poder acessar e desfrutar dos benefícios em ter uma escolarização mais longa, se comparados às pessoas que não tinham tanto poder aquisitivo. (SANTOS, 2018 p. 88). Sendo assim, por diversas questões, principalmente por conta das diferenças sociais, os mais pobres não conseguiam dar continuidade a sua educação formal. Por ter a necessidade de trabalhar e em alguns casos por se tornarem os provedores de suas famílias, muitos não conseguiram sequer completar o ensino fundamental.

O que muda o cenário da educação e traz possibilidades de acesso à continuidade da educação formal para muitas famílias, são as políticas que contribuem para a conclusão do ensino fundamental e médio e, na sequência, as políticas que levaram à expansão da educação superior, com a criação de campus universitários em diversos municípios que não são as grandes cidades e capitais. Essa expansão começa a possibilitar novas oportunidades para um público que, até então, não conhecia as possibilidades de ter uma graduação.

A expansão da educação superior contou com o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), que teve como principal objetivo ampliar o acesso e a

permanência na educação superior. Com o REUNI, o governo federal adotou uma série de medidas para retomar o crescimento do ensino superior público, criando condições para que as universidades federais promovessem a expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de educação superior. FONTE: Site do MEC.

Com a possibilidade de as classes sociais populares fazerem parte do processo de prolongamento da educação formal no País, a partir de então, o cenário nas instituições de ensino superior começa a tomar uma nova face, agora com a presença de jovens e adultos, na sua maior parte, oriundos de escolas públicas e regiões periféricas. Como falava anteriormente, esse cenário começa a mudar e, então, os trabalhadores estudantes/trabalhadores começam a galgar esse lugar de terceiro grau. Mesmo que ainda nos cursos que não são os de grande prestígio (ZAGO, 2006, p. 230-233), porém, diferente da maior parte de sua família, muitos desses jovens e adultos são os primeiros a cursar o nível superior.

A maior parte dos jovens das classes populares, que são ingressantes no terceiro grau, estão rompendo algo que Zago (2006, p.227) chama de “tradição frequente no seu meio de origem”. Ela refere-se à escolaridade de curta duração, que é uma realidade muito próxima para a maioria dessas pessoas. A possibilidade de mudança se dá justamente pela necessidade da quebra desse “círculo vicioso”, no qual as coisas vão parar sempre no mesmo lugar. Alguns autores mencionam que os jovens e adultos, que buscam continuidade da sua educação formal, tem, entre os seus principais objetivos, a melhoria da sua atual situação financeira e posteriormente o seu status social, buscando quebrar este “círculo”. (MARIZ, FERNANDES, BATISTA, 1999, p. 324)

Nesse momento faço um link com a contextualização dessa seção, quando falamos do lugar que passou a ser ocupado por aqueles que antes tinham menores condições que hoje, para poder acessá-lo.

As classes populares começam a enxergar novas possibilidades para alcançar aquilo que já estava como projeto de vida para muitos e infelizmente não tinham condições de acessar. Refiro-me especificamente à oportunidade de dar continuidade à educação formal a nível superior. Isso também afetou o perfil de várias comunidades:

O aparecimento desses universitários indica uma tendência de mudança nas favelas, e que conhecer o perfil desses indivíduos e sua visão de mundo pode ajuda-los a entender que mudança é essa, que fatores contribuem para ela e que direção parece estar tomando. (MARIZ, FERNANDES, BATISTA, 1999, p.324-325)

Essa oportunidade de acessar as universidades e faculdades provoca nesses indivíduos um olhar diferente para a sua realidade, gerando assim uma transformação na localidade onde eles moram. Essa transformação pode gerar, naqueles outros indivíduos pertencentes à mesma, o interesse na busca da continuidade da sua educação formal, como também pode fazer com que vejam o outro – já universitário - com um olhar preconceituoso, por estar num lugar diferente, e como costume dizer, tudo que é novo gera um estranhamento.

Além disso, em sua pesquisa, Zago (2006) traz relatos de experiências dos estudantes desde antes do seu ingresso na graduação. São notáveis as dificuldades enfrentadas pelos jovens entrevistados, bem como os arranjos feitos por eles para manterem-se na graduação. Vale ressaltar que cada um dos participantes tem uma realidade diferente, contudo, o desejo de conquistar um lugar melhor, através da educação, é algo que se mostra comum entre eles. Transcrevo uma fala que me chamou atenção na pesquisa citada:

Eu me vejo completamente fora da realidade da engenharia. Os professores dizem que apenas português e inglês não bastam para a engenharia, mas eu conheço pouquíssimas palavras em inglês. Entrevistado não identificado (em ZAGO, 2006 p.233).

Com a fala acima fica clara a falta de preparo do estudante e percebo alguém que se sente completamente fora da realidade em que está inserido no momento. Deste modo, faço uma pequena reflexão no que diz respeito à condição de escolha desses jovens adultos: de fato eles podem escolher? Será que eles realmente estão nos cursos que realmente desejam?

Lembro-me que, em sala de aula, algumas vezes quando questionados por algum professor, ouvi de inúmeros colegas que o curso que estavam cursando não era a sua primeira opção, contudo foi o qual a sua nota de corte no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM lhes permitiu ingressar. Outro fator que é muito pertinente é a realidade dos estudantes trabalhadores ou dos trabalhadores estudantes que, por terem a necessidade de trabalhar, consideram sua única opção a dos cursos noturnos, mesmo depois de um dia cheio de trabalho. (SANTOS 2018 p. 87)

A diversidade de realidades é bem notável para aqueles que estão na vivência do dia a dia. Condições sociais, culturais, idade e tantos outros aspectos fazem com que as instituições não pensem apenas em ofertar a vaga, mas que possam pensar as possibilidades de receber e manter esses estudantes, contribuindo de forma efetiva para que o índice de evasão escolar seja cada vez menor e que as classes mais populares possam ocupar esses espaços, a partir do seu planejamento de vida. Mesmo com toda a expansão da educação superior, o fato de as instituições estarem lidando com públicos diferentes e realidades sociais que chegam a ser completamente distintas umas das outras, as mesmas não conseguem garantir de forma efetiva a permanência desses indivíduos. (ZAGO, 2006 p. 228). Algumas políticas de permanência são adotadas, incluindo a distribuição de bolsas para alunos, mas hoje tem sofrido com a mudança de governo.

Em meio aos avanços e às turbulências existentes no percurso, vejo, no Centro que estou inserido – o CAHL, que os nossos jovens não perderam as esperanças e continuam batalhando diariamente em busca da conclusão da sua graduação.

Em virtude dos estudos feitos, três dimensões são destacadas em nossa pesquisa, a fim de nortear o nosso estudo e dados analisados. A primeira dimensão está diretamente relacionada ao perfil do morador jovem dos Três Riachos (quem é, idade, sexo, trajetória escolar, auto percepção como estudante, trabalho, responsabilidade pelo suporte familiar, visão sobre sua juventude). A segunda dimensão aborda sua relação com a comunidade dos Três Riachos (em termos de pertencimento, de oportunidades de vida). Finalmente, na terceira dimensão, analiso os projetos de vida desses jovens: procuro perceber a visão do jovem dos Três Riachos acerca do seu projeto de vida, especialmente no enfoque da continuidade do ensino e sobre as condições enfrentadas para que esse projeto possa se tornar realidade.

MÉTODO

Abrangência: Cachoeira e a Comunidade Três Riachos

Cachoeira se situa no Recôncavo da Baía de Todos os Santos, a 110 km da capital da Bahia, Salvador. Em 2021, Cachoeira completou 174 anos de sua elevação a título de cidade. Heroica, histórica e monumento nacional, o município é tombado pelo patrimônio cultural, devido a sua história e participação efetiva em busca da independência da Bahia. Anteriormente conhecida por suas produções fumageiras, assim como o cultivo de cana de açúcar, a cidade possui um rico acervo histórico, diversificado em edifícios, festas etc. Apesar de não mais trabalhar no cultivo da cana de açúcar, a cidade, juntamente com o município vizinho, São Félix ainda mantém uma produção de charutos.



Figura 1: Vista da Ponte Dom Pedro II, que liga os municípios de Cachoeira e São Félix, 2021

Fonte: IPHAN

De acordo com o último censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população estimada para o município de Cachoeira no ano de 2020 era de 33.567 pessoas. O IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), para os anos iniciais do ensino fundamental no ano de 2017, foi de 3,8, já nos anos finais, foi de 2,6 no mesmo ano para a rede pública de educação (Fonte: Site do IBGE). O Quarteirão Leite Alves, onde funciona o CAHL – Centro de Artes Humanidades e Letras desde 2009, antes de ser o nosso campus, era

onde funcionava a fábrica de charuto e está localizado no centro da sede do município. Além da UFRB/CAHL, a cidade conta também com mais uma instituição de ensino superior, a FADBA – Faculdade Adventista da Bahia, que se localiza a poucos minutos do centro da cidade, no distrito Capoeiruçu, uma das entradas que dá acesso à Cachoeira. Ou seja, há menos de quinze anos a Cidade conta com um campus de universidade pública, mas já oferecia educação superior privada desde 1998.

Quanto às oportunidades culturais, anualmente, a cidade recebe a FLICA – Festa Literária Internacional de Cachoeira, que traz a participação de grandes artistas, de variados segmentos, música, poesia, literatura, e tantos outros. Além disso, a FLICA aquece o comércio local: com a festa, sempre há visita de estudantes de outros municípios, visitantes e até turistas.

No mês de Junho, assim como em algumas outras cidades do Recôncavo, acontecem os festejos juninos, que também são um forte aliado na movimentação da cidade. Podemos citar também o Embalo da Ajuda e a Festa de Nossa Senhora da Boa Morte, festejos que, anualmente, trazem os olhares para o município, para a sua religiosidade e principalmente para a sua riqueza cultural. Por conta da pandemia do Covid-19, que mundo inteiro está enfrentando, todas essas comemorações foram suspensas. A fim de preservar a saúde e conter a propagação do vírus, nenhuma das festas citadas acontece desde o ano de 2020.

No seu andar térreo da Câmara municipal de vereadores da Cidade de Cachoeira está toda a história de um lugar que carrega grandes e fortes marcas da escravidão. O local anteriormente funcionava como casa e cadeia de escravos e hoje, como Câmara de vereadores da cidade, guarda, em sua estrutura física, a história de muitos homens e mulheres que sofreram, foram feridos e outros até perderam a sua própria vida, sem sequer conhecer a “liberdade”.

Saindo do Centro de Cachoeira, onde se localiza o CAHL, em direção à Capoeiruçu, está a comunidade dos Três Riachos.

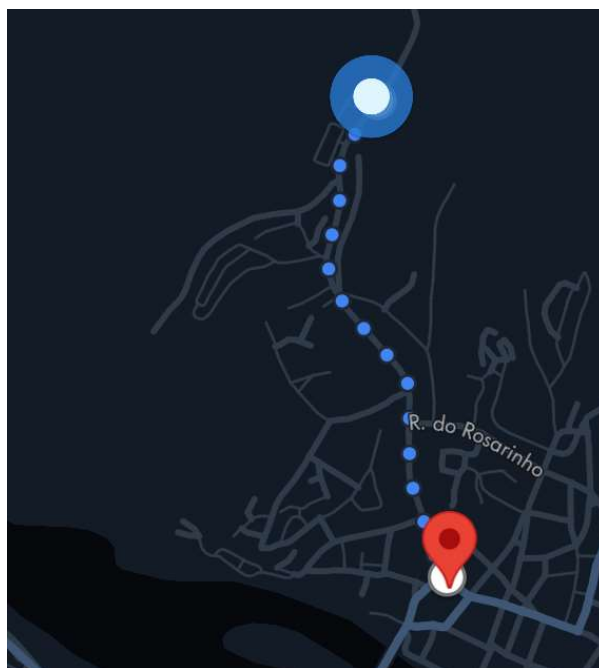


Figura 2: Rota do CAHL à Comunidade dos Três Riachos
Fonte: Google Maps, 2021

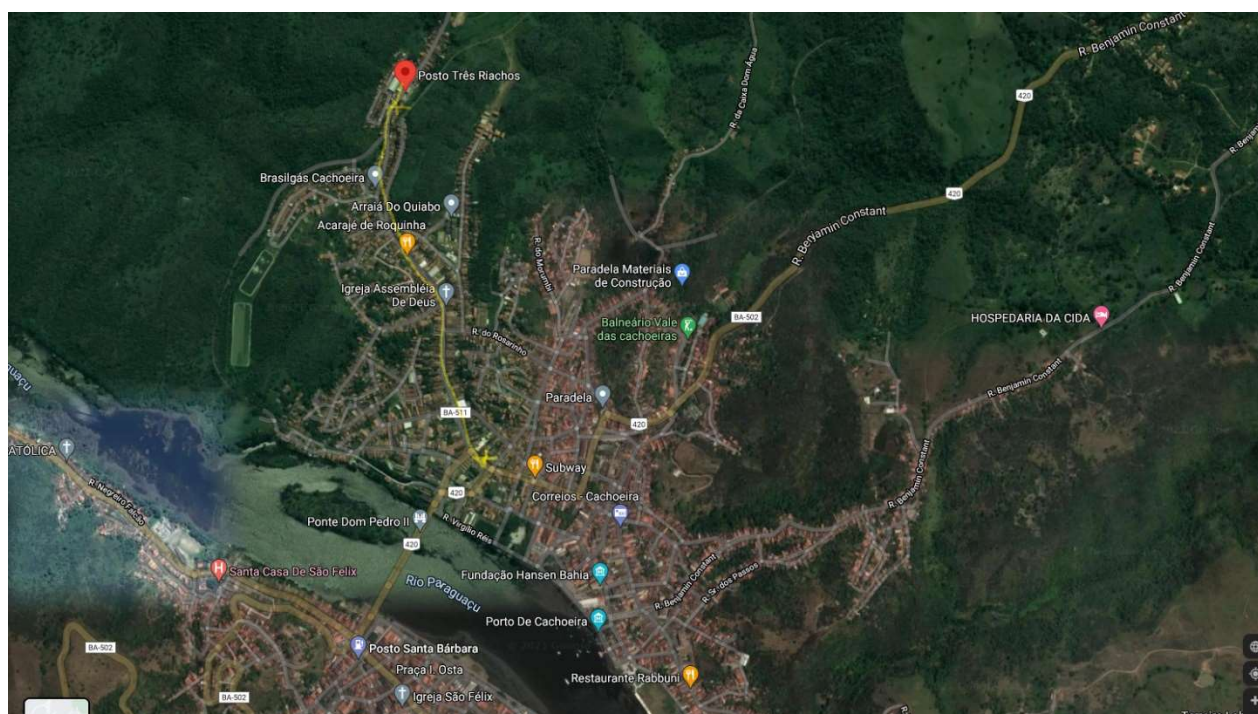


Figura 3: Vista aérea de Cachoeira, Bahia, e o trajeto do CAHL no Centro à Comunidade dos Três Riachos (ponto vermelho), 2021

Fonte: Google Maps

A comunidade dos Três Riachos está localizada na zona urbanizada da cidade de Cachoeira e fica a aproximadamente 14 minutos do CAHL quando o percurso é feito andando; caso esteja utilizando algum veículo, este percurso pode durar menos de cinco minutos (menos de seis quilômetros de distância).



Figura 4: Foto de uma das vilas residenciais



Figura 5: Quadra poliesportiva na Comunidade Três Riachos, Cachoeira – Bahia

Fonte: Acervo da pesquisa

Na Comunidade há duas vilas residenciais de casas populares, que foram doadas a munícipes da cidade que ainda não possuíam na época (2004) suas casas próprias. Próximo a essas vilas há também uma quadra poliesportiva, onde acontece além das atividades rotineiras, alguns pequenos campeonatos de futebol organizados por esportistas do Bairro. Tanto as vilas quanto a quadra foram inauguradas entre os anos de 2005-2008.

Temos também na Comunidade o CRAS – Centro de Referência e Assistência Social, que desde o início das suas atividades no ano de 2007, tem tentado de formas diversas estabelecer um diálogo efetivo com a comunidade, propondo de tempo em tempo algumas atividades que envolvem determinados grupos, como por exemplo: crianças, jovens, gestantes etc., promovendo oficinas e algumas outras atividades similares. Lembro que no ano de 2008 foi implantado aqui na cidade o Pro Jovem Adolescente e o CRAS era quem sediava os nossos encontros. Tive a oportunidade de estar entre os primeiros jovens/adolescentes que fizeram parte do Projeto. Lembro-me ainda que

tínhamos instruções de esporte, cultura, artes, ações sociais e isso contribuiu no desenvolvimento e nas relações com as outras pessoas em geral.



Figura 6: Foto CRAS – Centro de Referência e Assistência Social.
Fonte: acervo da pesquisa

A comunidade é cortada por uma ponte ferroviária centenária, ainda ativa: diariamente passa o trem com as suas cargas, dando umas buzinas marcantes que a quilômetros de distância é possível ouvir. Algumas pessoas perguntam ao ouvir o nome do bairro, porque Três Riachos? Muitos desconhecem que de fato existe os riachos e que eles desaguam no Rio Paraguaçu. Para nós que moramos lá, eles são chamados popularmente: Capapina, Lole (os dois se encontram, na verdade é o mesmo riacho que tem identificação diferente quando chega em determinado ponto do Bairro), e Riachinho. As águas de todos os riachos correm sob algumas das casas do bairro, bem como a rua principal, por isso algumas pessoas desconhecem a existência deles.



Figura 7: Foto da Ponte na entrada do bairro.
Fonte: Acervo da pesquisa.

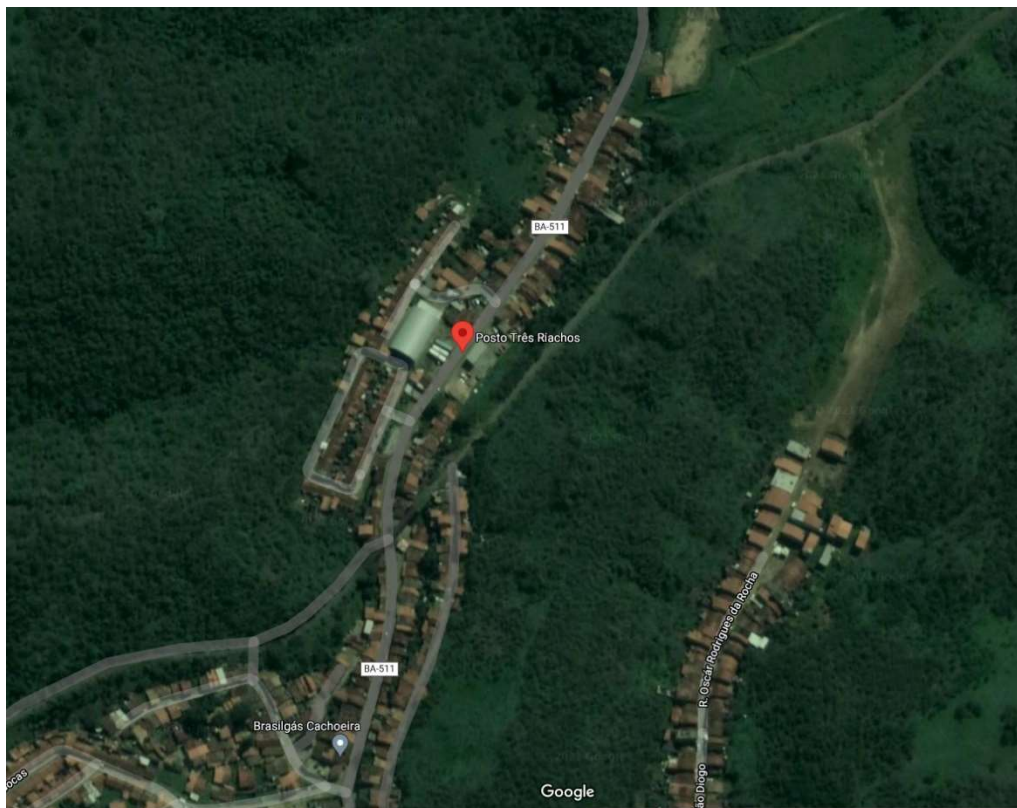


Figura 8: Foto de satélite da Comunidade Três Riachos, Cachoeira – Bahia
Fonte: Google Maps

Algumas décadas passadas, era muito comum encontrar pessoas lavando roupas, pratos, fato de boi e porco nesses riachos, vale ressaltar que essas atividades não eram feitas apenas para manutenção de suas próprias casas, em alguns casos tinha a finalidade do ganho, lavava-se roupas de ganho. Em virtude de a corrente de água não ser mais como antes, no que diz respeito à qualidade da água, bem como os aumentos no índice de violência na área, os riachos não tem a mesma usabilidade que tinham na minha infância: eles eram usados como local de lazer, passávamos o dia acompanhando nossos familiares nas atividades citadas acima e como crianças, ainda sem tanta responsabilidade, estávamos ali apenas para nos divertir na maioria das vezes, tomando banho e brincando.



Figura 9: Foto do posto de Gasolina – Posto Três Riachos
Fonte: Acervo da pesquisa.

Conforme o tempo foi passando algumas coisas foram mudando no bairro, a serraria antiga e abandonada virou um posto de gasolina, o pasto onde era muito comum ao abrir a porta dos fundos da nossa casa, ver inúmeros bois e vacas todos os fins de tarde virou residências, construções surgiram em cima do riacho que sempre ao caminhar acompanhávamos aquela pequena corrente de água, e não pararam por aí as mudanças. O costume de deixar as crianças brincando na rua até tarde da noite, a porta da casa aberta mesmo quando os adultos estavam conversando com o vizinho ou davam uma saída rápida na casa

de um parente, foram coisas que passaram a se tornar cada vez menos comum, e no lugar de tudo isso começam a surgir, em busca de mais segurança, os muros, portões, grades e coisas semelhantes.

Além do posto de gasolina, não temos nenhuma empresa no bairro. Existem os pequenos empreendedores e comércios informais (pequenas mercearias, lava a jatos, bares, quiosque), em sua grande maioria, voltados para as próprias famílias e, sendo assim, não geram empregos para outras pessoas que moram na comunidade. Dentre as formas de renda citadas acima, além delas temos uma pequena fábrica de gaiolas que, por ter uma produção de material razoavelmente grande, o proprietário consegue dar oportunidade de trabalho para dois ou três jovens e adolescentes, o que também acontece com o Lava a jato do Luciano. No bairro é muito comum encontrar as pessoas vendendo coisas, fazerem em suas casas ponto de venda de doces, salgadinhos e coisas do tipo.

Fazendo o percurso do bairro em direção ao CAHL, além do já citado CRAS, próxima está a Delegacia de Polícia da cidade que fica a alguns minutos da entrada do bairro (a ponte, onde passa a linha do trem). Caminhando mais alguns minutos após a delegacia, está a UBS – Unidade Básica de Saúde que atende à comunidade em questão e também alguns outros bairros de Cachoeira. Em contato com a agente de saúde do meu bairro, procurei a informação de quantos jovens na idade de 15 a 29 anos tem na comunidade. Em resposta fui informado que no Posto de Saúde (como a gente costuma falar), há 135 jovens cadastrados na idade de 15 a 29 anos.

Seleção da amostra e perfil dos respondentes

Foram selecionados sete jovens da comunidade dos Três Riachos com idade entre 17 a 24 anos, sendo quatro deles do sexo masculino e três do sexo feminino. Todos os selecionados foram escolhidos a partir de minha livre escolha, analisando cada um dos indivíduos individualmente a fim de trazer uma possível diversificação de informações, tendo como propósito a maior representação dos jovens da Comunidade em questão. Sendo assim, o intuito foi expressar de forma representativa (devido à quantidade de entrevistados),

um pouco da diversidade do perfil dos jovens da comunidade pesquisada. As características desses jovens estão sintetizadas no Quadro 01.

Técnica de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada através de uma entrevista semiestruturada, com roteiro disponível no Apêndice C. Todas as entrevistas foram agendadas previamente e os participantes foram informados sobre qual a finalidade e de que se tratava a pesquisa, para que pudessem aceitar ou não participar da pesquisa

O roteiro de entrevista continha oito perguntas, desde a apresentação do participante, até o que ele pensa sobre motivação na busca da longevidade escolar após a conclusão do ensino médio. A fim de deixar o entrevistado mais à vontade para responder as questões, ficou a critério dele ou dela se seria entrevistado na minha casa ou na residência dele/dela. Ao final, o maior número de coleta de dados foi feito na minha casa e alguns outros na casa dos próprios participantes.

As entrevistas foram realizadas no final do primeiro trimestre do ano 2021, sendo a coleta entre os dias 20 a 29 de março. A partir das informações cedidas por cada entrevistado no momento da entrevista, surgiram novas questões que foram dando mais forma à pesquisa e também possibilitando entender melhor o contexto em que o entrevistado estava envolvido no momento em que ele relatava.

Todas as entrevistas foram e estão gravadas no meu aparelho celular LG K10 Power, o mesmo que captou todos os áudios. As entrevistas tiveram uma variação média entre 10 a 24 minutos da participação mais breve ao entrevistado de participação mais longa. Após a realização de todas as entrevistas, fiz as transcrições e, a partir delas, a análise dos dados.

No final do ano de 2019, são diagnosticados, na China, o surgimento e propagação de um vírus, o Sars-Cov 02, que até então não se imaginava o tamanho do estrago que ele causaria, não apenas ao país onde ele teve o

primeiro caso, mas, para toda a humanidade, visto que o vírus se espalhou em todo o mundo.

Meses depois da identificação do vírus (coronavírus), que desencadeou uma pandemia, já houve milhares de pessoas mortas em todo o mundo. Vale ressaltar que nem todos que foram infectados pelo vírus morreram. Após alguns meses de estudo, os cientistas conseguiram chegar à criação de vacinas para imunizar as pessoas contra a Covid-19, nome da doença ocasionada pelo Sars-Cov 02. Resultante da pandemia, os governos, inclusive o baiano, decretaram isolamento ou distanciamento físico social.

Quadro 1: Boletim Informativo – Prefeitura Municipal da Cachoeira-Ba

Casos Confirmados: 1.438	Óbitos: 23
Ativos: 43	Casos Suspeitos: 51
Recuperados: 1.372	Casos descartados: 1.256

Fonte: Pagina Oficial do Instagram da Prefeitura Municipal

O Quadro 01 apresenta o Boletim Epidemiológico, divulgado pela Prefeitura Municipal de Cachoeira, através da sua página oficial no Instagram, dia 17/06/2021, boletim de nº 117-2021. O município tem até a data de divulgação, 1438 casos de Covid 19 confirmados e 23 óbitos.

Talvez esses números pareçam pequenos, diante de outras cidades que tiveram números muito maiores de contaminação e também de óbitos, contudo, percebemos que o vírus é fatal e pode levar à morte: vimos algumas pessoas conhecidas e até parentes morrerem após contraírem a covid-19, por isso acreditamos que a melhor medida é de fato a prevenção. A pandemia, portanto, afetou o desenho inicial da pesquisa.

A fim de evitar a contaminação e propagação do vírus, a primeira medida de prevenção adotada foi o agendamento das entrevistas individuais, (anteriormente havia o interesse em realizar um grupo focal com os participantes, além das entrevistas individuais), nenhum dos entrevistados estava em isolamento no período da coleta de dados, no momento da entrevista foi mantida alguma distância para que a gravação também não ficasse prejudicada, já que

não estávamos usando microfones individuais, apenas a entrada do aparelho celular, e assim seguir dentro do possível as orientações relacionadas às medidas de segurança postas pela OMS – Organização Mundial de Saúde. Sendo elas em nosso caso: não aglomeração; evitar o contato com pessoas que estivessem em isolamento domiciliar e manter um distanciamento das pessoas para evitar a contaminação e ou propagação do vírus.

Análise de dados

Para a apresentação dos dados da pesquisa, primeiramente todas as entrevistas foram lidas por completo de forma superficial, apenas para lembrar as respostas dos participantes; no segundo momento foram realizadas novas leituras por pergunta, a fim de fazer um comparativo entre as respostas dos entrevistados. Propostas as categorias, vale ressaltar que esta última leitura – por pergunta - foi realizada algumas vezes, não apenas uma vez, para maior percepção. A partir das leituras, foram extraídas informações prestadas pelos respondentes e com base nelas foi realizada a análise da pesquisa.

Conforme as leituras iam acontecendo, foram surgindo em mente as formas que poderiam representar em imagens/gráficos, de forma mais sintetizada, os resultados da análise, entre uma leitura e outra, foram criadas e ajustadas as figuras que constam nesse trabalho.

Buscando manter a linha da pesquisa, ainda no processo de análise, fiz novas buscas e revisão da literatura utilizada, para que a escrita estivesse coerente com o referencial teórico.

Questões éticas

Foram utilizados dois termos durante o processo de captação de dados, a fim de garantir aos entrevistados, bem como a mim e a instituição a qual pertencço que não haveria nenhum tipo de dano futuro, assim também, de esclarecer e deixar registrado o intuito e as limitações da pesquisa. Os termos foram: termo de consentimento livre e esclarecido e uma autorização de uso de áudio (Apêndices A e B). Todas as entrevistas só foram iniciadas após a leitura de ambas autorizações e de sanar qualquer dúvida que houve em relação ao que estava escrito.

Como todos os participantes já eram maiores, exceto um dos rapazes. Como ele aceitou participar da pesquisa, após ter conhecimento do que se tratava, sua mãe foi quem assinou as autorizações acima citadas (o termo foi ajustado para que pudesse ser identificado como menor). Todos os participantes receberam uma cópia do termo assinado, por cada um deles e por mim, como pesquisador responsável.

Para manter os participantes anônimos, todas as transcrições, assim como os áudios das entrevistas, estão sob o meu poder e armazenados para que nenhuma outra pessoa tenha acesso. Sendo assim, alguém só teria acesso caso eu autorizasse. Os entrevistados não são identificados na discussão dos resultados e são apresentados como E1, E2, até E7.

RESULTADOS

Nesta seção, apresento os resultados da pesquisa realizada, com base em três aspectos: no primeiro eu trago os dados relacionados à relação dos jovens com a Comunidade Três Riachos; no ponto seguinte analiso os ideais desses jovens através dos seus sonhos e projetos de vida; e, já no último, veremos como os jovens entrevistados tem percebido a educação superior.

Quadro 2: Características dos entrevistados na Comunidade dos Três Riachos, Cachoeira, 2021

Entrevistado	Idade	Sexo	Mora no bairro desde:	Escolaridade	Trabalho	Estado Civil	Filhos
E 1	24	F	9 ANOS DE IDADE	Médio Incompleto (Abandonou)	Dona de Casa	Casada	Sim (01)
E 2	19	F	4 ANOS DE IDADE	Superior Incompleto (Cursando)	Designer Gráfica (Informal)	Solteira	Não
E 3	25	M	Aprox. 5 ANOS	Médio Incompleto (Abandonou)	Informal	Solteiro	Não
E 4	23	M	Aprox. 8 ANOS	Superior Incompleto (Cursando)	Não trabalha	Solteiro	Não
E 5	17	M	Infância	Fundamental Incompleto (Cursando) II	Repositor	Solteiro	Não
E 6	19	M	Aprox. 5 ANOS	Fundamental Incompleto (Abandonou) II	Dono de Casa	Solteiro (mora junto)	Sim (02)
E 7	21	F	Infância	Médio Completo	Microempreendedora (Informal)	Solteira	Não

Fonte: Dados da pesquisa

Abaixo, os entrevistados se apresentam.

Eu tenho vinte e quatro anos, sou casada, sou dona de casa, no momento não estou trabalhando, mas, tenho o sonho de ser manicure e cabelereira. Entrevistada-01

Olá, eu tenho dezanove anos, meu estado civil é solteira, o que eu faço da vida atualmente, eu acho que trabalho informalmente como, pelo menos durante a pandemia, como designer gráfico para uma loja, eu estudo, faço universidade na UFRB e é isso. Entrevistada-02.

Minha idade, eu tenho vinte e cinco anos, estado civil solteiro, e atualmente eu sou informal e eu não estudo. Rapaz eu parei de estudar foi por motivos que eu fui trabalhar, né aí eu larguei os estudos. Eu comecei a trabalhar porque eu tinha que ajudar nas despesas de casa. Entrevistado-03

Bom, eu tenho vinte e três anos, sou solteiro e atualmente eu estudo. Atualmente eu estou no ensino superior, eu estudo licenciatura em computação no Instituto Federal da Bahia no campus Santo Amaro e como dito, faço licenciatura em computação lá há três anos e é isso. Entrevistado-04

Eu tenho dezessete anos, sou solteiro, eu trabalho como repositor, e estudo, só que atualmente não estou estudando pelo fato da pandemia, e é isso. Trabalho, casa e igreja. Entrevistado 05

Minha idade, tenho dezanove anos, estado civil sou solteiro, mas, tenho dois filhos e moro com minha esposa, e o que faço atualmente... dono de casa, no momento não estou nem trabalhando nem estudando. Entrevistado-06

Bom, eu tenho vinte e um anos, sou solteira, e atualmente eu trabalho, sou microempreendedora. Entrevistada-07

A relação dos jovens com a comunidade dos Três Riachos

Bem, abrimos este tópico com base nos dados apresentados de forma sistematizada anteriormente no Quadro 1, que traz as características dos participantes. A princípio, é interessante lembrar que participaram quatro jovens do sexo masculino e três jovens do sexo feminino. Entre os grupos (masculino x feminino), em cada um deles temos um respondente que já tem filho, sendo que o respondente do sexo masculino tem dois filhos em contraponto à respondente do sexo feminino que tem, no momento, um filho. Ambos não concluíram os estudos, porém a E1 chegou até o terceiro ano do ensino médio e já o E6 ainda não havia concluído o ensino fundamental II. Todos os dois respondentes em questão definiram seu estado com relação ao mercado de trabalho como dona (o) de casa.

No momento da coleta de dados, nenhum dos participantes tinha um emprego fixo de carteira assinada, apenas um dos respondentes encontrava-se como jovem aprendiz em um supermercado, porém sem a carteira assinada, assim como os demais.

Falando ainda sobre a educação formal dos entrevistados, mesmo tendo na pesquisa um respondente a mais do sexo masculino, apenas um dos participantes, neste caso o E4, já concluiu o ensino médio e no momento encontra-se na graduação; no grupo feminino, duas das respondentes concluíram o ensino médio e uma delas também está na graduação. Mesmo o participante E5, que tinha 17 anos quando coletados os seus dados, estava com atraso na sua série, ainda estava cursando anos finais do ensino fundamental II, quando já deveria estar nos anos finais do ensino médio.

Pequenos detalhes dissociam um respondente do outro, o percurso que cada um deles precisou traçar e tem percorrido até o presente é singular, mas,

ao mesmo tempo, há uma homogeneidade no que diz respeito ao fator de estarem todos inseridos em uma comunidade periférica, pobre, negra, mas com jovens que ainda sonham em conquistar e realizar sonhos. E escrever novos capítulos de suas histórias.

é muito bom morar aqui nos Três Riachos, é uma comunidade que a gente pode se dizer que é família todo mundo, todo mundo é família, todo mundo está aqui um para ajudar o outro, é muito importante também, tem a nossa congregação que está localizada bem ali pertinho, e todo mundo dentro dessa congregação também é família né... uma localidade muito boa, importante, temos ali o CRAS – Centro Referência e Assistência Social, temos vários pontos referentes aos jovens, às crianças.... para brincar, para se divertir, é muito bom, só sei dizer que é muito bom morar aqui nos Três Riachos – Entrevistada 01

Rapaz minha relação com a comunidade dos Três Riachos é uma relação saudável né, gosto muito da minha comunidade, para mim é um lugar de paz né, amo muito morar aqui no meu bairro. Entrevistado-03

É no caso, eu nasci aqui nos Três Riachos, então, praticamente eu vivi a minha vida toda aqui. Durante um tempo eu fui embora para uma outra cidade, mas eu retornei rápido. Pelo fato de que eu moro aqui desde a minha infância, é eu carrego na verdade uma história né, se tratando de uma raiz, porque foram as primeiras pessoas que eu tive um contato, além das pessoas que eu vivi dentro de casa, se tratando de convivência, primeiras amizades, e é isso. Entrevistada-07

Morar para mim aqui é como se eu morasse em qualquer outro lugar.

Porque aqui não tem nada de interessante, tudo a mesma coisa de outros lugares, não vê nada, eu praticamente moro aqui mas, não saí de casa, minha morada é dentro de casa, às vezes saí para conversar com os amigos na porta mas, como se vivesse encurralado porque onde você vai você não vê nada de bom, só pessoas usando drogas, você não se sente à vontade na rua, a pessoa não vê coisa boa para se influenciar, só vê coisa ruim.

ENTENDI, MAS ESSA SUA REFLEXÃO, É UMA REFLEXÃO GENERALIZANDO, NO CASO, TUDO O QUE VOCÊ VÊ É SÓ ISSO, NÃO EXISTE EXEMPLOS BONS OU COISAS QUE NÃO SEJA APENAS ESSAS QUESTÕES DE USO DE DROGAS? R. Não, a gente vê aqui vários exemplos como... atualmente quando foi fundada uma igreja aqui, aonde você viu que ocorreu muitas mudanças, tinha mortes, mas atualmente melhorou. ENTÃO VOCÊ CONSIDERA QUE ESSA MELHORA, COM RELAÇÃO A VIOLÊNCIA PODEMOS DIZER ASSIM, TEVE UMA MELHORA A PARTIR DESSA IGREJA... R. Exatamente. VOCÊ MORARIA EM ALGUM OUTRO LUGAR? R. Sim. DENTRO DA CIDADE OU EM OUTRA CIDADE? R. Outra cidade. PORQUE? R. Porque acharia oportunidade de crescer na vida, que aqui é difícil achar oportunidades. E-05

A maior parte dos participantes gosta do morar na Comunidade dos Três Riachos. Dos sete, cinco deles expressam achar bom, importante, gostar muito e outras palavras positivas quando perguntados sobre a sua relação com o Bairro, mesmo sendo um bairro popular e periférico. E7 não deixa claro se gosta

ou não, mas relata que, no bairro, foi o lugar que obteve as suas primeiras experiências com pessoas além das que ela já convivia em casa, como também o local que ela mora desde quando nasceu e, assim, ela considera que a comunidade dos Três riachos é o local onde estão as suas raízes.

O E5 considera morar nos Três riachos como morar em qualquer outro lugar, mesmo sendo um morador da comunidade desde a sua infância. Como ele mesmo disse: "...nasci praticamente aqui...".

Na Figura 10 a seguir trago um esquema das palavras ditas pelos entrevistados sobre a sua relação com o bairro, a fim de que possamos enxergar de forma mais ilustrativa o que predomina de acordo com as observações de cada participante. Acredito que a Figura 05 representa um pouco do que os participantes sentem em relação a morar nos Três Riachos. Da leitura dos balões fica claro que, para a maior parte dos participantes, a comunidade é um local bom de morar e ao continuar analisando entendemos que as experiências de cada indivíduo, a história que cada um deles construiu a partir de suas vivências na comunidade, bem como as pessoas que eles conheceram e posteriormente criaram laços são motivos pelos quais eles consideram ter uma boa relação com a comunidade, a ponto de um dos entrevistados considerar a comunidade como um lugar de paz para ele.



Figura 10: Mapa de palavras dos entrevistados dos Três Riachos sobre sua relação com o bairro. Três Riachos, 2021.

Fonte: Dados da pesquisa

Talvez seja inesperado, mas E2 diz na entrevista que gosta de morar e que considera importante morar no bairro, com uma visão futurista ela afirma que estar na comunidade irá proporcionar muitos aprendizados e com isso trará crescimento a sua bagagem pessoal. Contudo, por outro lado, ela afirma também o interesse em sair da cidade, acreditando que em outra localidade encontraria melhores oportunidades de emprego e estudo que seriam mais interessantes para o seu desenvolvimento pessoal.

Um dos entrevistados se sente tão à vontade que chega a dizer que morar nos Três Riachos deu para ele e sua família, uma liberdade que eles não tinham antes. Ressalto que a afirmativa deu-se em relação ao fato de que, antes de morarem na comunidade, o E4 residia em um outro bairro juntamente com sua

família e no período eles moravam de aluguel. Sendo assim, a liberdade dita por ele está relacionada ao fato de terem conquistado a casa própria.

Eu sou morador daqui a mais ou menos oito anos, e morar aqui foi extremamente importante para mim, primeiro porque minha família teve uma liberdade melhor, conheceu novas pessoas, a gente veio para outros ares, e para mim é importante morar aqui pela história que os Três Riachos possui, inicialmente o que mais me atraiu aqui é o fato de a gente ter um trilho onde passa um trem e isso para mim é importante, porque eu gosto de trem pra caramba e poder relatar isso, poder falar com as pessoas que eu moro num local que tem um meio de transporte que foi tão importante, que ainda é importante né, durante bastante tempo é bem legal para mim.

... nós moramos dez anos no aluguel e sair do aluguel é uma sensação realmente libertadora não tem outra descrição... E-04

Por outro lado, não poderia deixar de falar sobre a percepção de E5: de todos os participantes, ele é o que expressa de forma clara o quanto é desconfortante para ele estar na comunidade, ainda que ele seja um morador desde a sua infância. O participante afirma que morar nos Três Riachos é como morar em qualquer outro lugar, que ele vive encurralado.

As observações anteriores são um pequeno reflexo da realidade vivida nas comunidades periféricas (MARCELINO, CATÃO, LIMA, 2009, p.548): a conquista de uma casa, os laços com familiares, amigos, colegas e coisas semelhantes fazem com que aquele lugar seja o “refúgio”, até porque, na maioria dos casos, aquele é o único lugar que a maior parte dos moradores tem visto que estamos falando de pessoas pobres. Acompanhar os esforços dos pais para alcançar um lugar que possam chamar de seu faz com que haja um apego sentimental àquela conquista. Conforme o tempo vai passando, algumas pessoas começam a desejar novos espaços, ainda que os sonhos permaneçam os mesmos da infância, e notar que o lugar onde se encontra, mesmo sendo o lugar onde cresceu, não faz com que o E5 sinta-se à vontade. Daí percebemos um dos motivos pelo qual algumas pessoas mudam-se de bairro ou até de cidade, em busca de um lugar que acreditem ser melhor.

O índice de violência, principalmente por conta do tráfico de drogas, a dificuldade de inserção ao mercado de trabalho formal, são pontos que estimulam o interesse das pessoas a procurar essas mudanças. Ainda com os fatores citados, vemos que desde a infância esses jovens têm sonhos, mas, com o passar do tempo, muitos dos sonhos são modificados e dão espaço, em alguns

casos, a novos sonhos, ou até à reformulação do sonho de infância; outros até acreditam que talvez não consigam realizar e por isso já desistiram do sonho, mas a maior parte acredita que ainda é possível realizar, e que vale a pena tentar, e assim vão criando meios para chegar até a realização de seu projetos de vida, como discutido por Santos (2018 p.82).

No processo de aprendizagem os indivíduos vão formando a sua bagagem e isso também está relacionado ao meio social em que este indivíduo está inserido. Não se trata apenas da família, das pessoas que estão dentro de casa, mas, da comunidade em geral. É preciso lembrar que estamos falando de gerações diferentes, e sim, talvez a forma que os nossos pais foram ensinados, bem como o que eles foram ensinados ou obrigados a priorizar, por suas necessidades básicas de sobrevivência, foram coisas distintas aos seus ideais, bem como, distintas dos ideais da juventude presente. Uma geração que é cada dia mais imersa na informação e na formação, onde o saber é, cada dia, mais importante e necessário.

Aprofundo os sonhos e projetos de vida na próxima seção.

Sonhos e projetos dos jovens dos Três Riachos

Buscando no dicionário Aurélio *online*, uma das definições para a palavra sonho é a seguinte: “Ação ou efeito de sonhar, de reunir no pensamento, na mente, imagens, ideias, pensamentos etc.; Anseio ou vontade permanente, viva e constante”. Observando as respostas, todos os entrevistados possuem sonhos, desejos e projetos, alguns deles ainda têm em mente o sonho de criança, outros tiveram um “choque de realidade” e passaram a acreditar que aquele sonho era distante da sua realidade.

Somado à falta de apoio das pessoas próximas, esses sonhos foram deixados para trás, amadurecer e perceber que algumas coisas são só desejos de criança é comum, isso acontece e a partir daí, criar novas metas, traçar novos objetivos, alguns dos entrevistados têm tentado isso. Buscar meios alternativos para que possa alcançar o objetivo desejado é um artifício que muita gente utiliza, abaixo é possível ver a relação dos jovens com os sonhos em sua infância e se os sonhos permaneceram quando eles estavam no ensino médio.

[...] tenho o sonho de ser manicure e cabelereira. Entrevistada 01

...é muito difícil a gente encontrar portas assim, abertas e trabalho ser fácil de achar, não é fácil né, e aí, eu concluí o curso, peguei meu certificado e aí ficou guardado até hoje, né. Mas, eu não consegui porta de emprego, para manicure ou cabelereiro, aí pronto, a gente estaciona... Entrevistada 01

Sim, meu sonho quando criança era me tornar advogada, fazer faculdade de direito e me tornar advogada, fazer faculdade de direito, na Faculdade Católica de Salvador, e me tornar advogada e fazer um concurso de alguma coisa e me tornar policial, e me tornar delegada.

Então... quando eu cheguei no ensino médio, já não era tão eu como uma pessoa que sonhava em ser uma advogada que estudaria na Católica de Salvador. Inicialmente porque a Católica de Salvador, em termos de... enfim, quando eu cheguei nessa idade eu já sabia que não seria tão fácil estar lá, em poder aquisitivo no caso, mas quando eu cheguei no ensino médio eu participei de um cursinho, para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Sim, um cursinho pré-vestibular e a gente teve uma conversa e um dos meus professores, eles falaram assim para mim, eles falaram que: “-Você quer fazer direito, mas você já pensou com relação ao mercado de trabalho de direito no Brasil? ” E aquilo meio que surgiu um porque na minha mente, porque que eu quero fazer direito de fato? Será que isso de fato é o que eu quero fazer? Será que isso vai me trazer um resultado na minha vida? Será que vale a pena eu estudar tanto tempo para fazer isso? Foi aí que eu decidi que não faria direito inicialmente, que eu iria mudar e faria algum curso que tivesse mais a ver comigo naquele momento, e fazer direito num... sei lá, num outro momento da minha vida.

Hoje eu faço universidade, e o meu projeto atual de vida é, assim de vida mesmo? No caso seria migrar, porque eu faço um curso, eu gostaria de migrar para o curso de Serviço Sociais. QUAL O CURSO QUE VOCÊ FAZ? R. BICULT – Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, gostaria de migrar para serviços sociais, concluir a graduação, fazer um concurso público e me tornar Assistente Social do poder jurídico. Entrevistada 02

Meu sonho quando criança era ser um operador de trens, antes eu achava que eu poderia manusear uma máquina e essa máquina que vinha na minha cabeça era trem, isso é uma coisa tanto quanto pessoal; esse era o meu sonho, por isso que é importante para mim morar aqui, mas esse foi o primeiro sonho na verdade. Eu nunca consegui um trilho para usar o meu trem, eu fazia isso de forma personalizada, então foi uma ambição e um sonho também de poder manusear um trem num próprio trilho, então, o meu sonho partiu de uma ambição, de um querer “poxa eu gostaria de manusear um trem, não só em miniatura, mas, um trem em tamanho real e realmente num trilho”, porque antes só tinha o chão para brincar com O trem, não era um trem que eu tinha um trilho para utilizá-lo.

Na infância eu tive uma experiência com o computador de um colega, e foi a primeira vez que eu vi um computador na minha vida, quando ele tocou no mouse que mexeu na tela também, foi uma coisa impressionante para mim, para a gente hoje é extremamente natural né, mas, para mim era algo de outro mundo porque, como você move um objeto e ele reflete isso na tela? Então isso despertou minha curiosidade e a partir disso eu me tornei mais amigo daquele colega, sim, foi para esse propósito mesmo, e aí eu fui me apaixonando mais por computador e até então continuou esse sonho. Entrevistado-04

Quando eu era criança eu tinha dois sonhos, tinha não, eu tenho até hoje, tenho esperança de poder realiza-los. Que era ser jogador de futebol, ou então ser da polícia, policial civil. SÃO SONHOS DIFERENTES, MAS QUAL A SUA INSPIRAÇÃO PARA ESSES SONHOS, TANTO PARA UM QUANTO PRA OUTRO? R. De futebol, jogador de futebol era quando eu assistia um jogador da seleção brasileira, que eu via um goleiro “Júlio Cesar” ai me espelhei bastante nele, foi treinando e tal, só que como aconteceu né, eu tive dois filhos e tal, eu tive que parar um pouquinho. E policial é desde quando eu via nas novelas, quando eu assistia com minha avó lá, aí eu “- Há quero ser policial para ter aquela arma ali, tal... prender os bandidos” só que hoje em dia, o sonho de ser policial tá sendo um pouco mais complicado, porque vejo muitas situações aí passando na televisão, na internet o quê que o policial faz com as outras pessoas, com inocentes e enfim é isso. Entrevistado-06

Ser administradora, esse era o meu sonho. Entrevistada-07

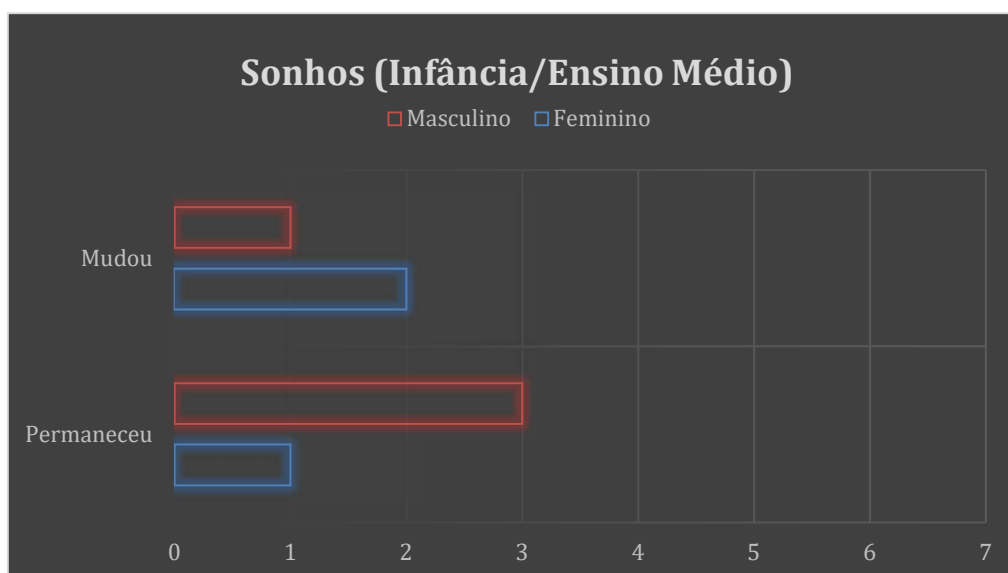


Figura 11: Status dos respondentes dos Três Riachos quanto a seus sonhos de infância. Cachoeira, 2021
Fonte: Dados da pesquisa

Durante a realização da pesquisa, algumas falas de entrevistados chamaram a atenção e me fizeram perceber o que alguns dos meninos da minha rua têm em comum, no que diz respeito à motivação familiar e exemplos próximos que possam dar apoio na busca e concretização de um sonho.

Eu acho assim, que eu não seria capaz, tá entendendo... eu não ia conseguir... aí foram coisas que frustrou, como pessoas também que não acreditaram no meu potencial, aí isso tudo foi me abatendo, tá entendendo? e eu fui deixando de lado, o sonho foi morrendo aos poucos. *Entrevistado 03.*

Na fala acima, o entrevistado deixa claro que um dos principais motivos para que ele deixasse o seu sonho de lado foi a falta de apoio das pessoas que o cercavam. Vejamos mais um exemplo de outro entrevistado.

...eu estou falando da forma que eu já me vi, muita das vezes a gente fica focado naquele quadro sabe, “não, eu nasci dentro de um lar onde poucas pessoas se formaram ou onde poucas pessoas pensam em entrar em uma universidade”, então você bate de frente com essa, essa sua realidade, você fala “poxa será que eu vou conseguir? Será que eu vou conseguir pelo menos entrar lá naquele lugar”? Assim que minha realidade é completamente diferente, muita das vezes a gente não tem... eu não falo, não tem um apoio, porque infelizmente possa ser que os nossos pais não foram ensinados a isso, então temos que aprender sozinhos sabe...”. Entrevistado 07

O primeiro ponto que chama a atenção é o fator principal relacionado à motivação. Considero neste momento o fator principal, a partir dos fragmentos acima, o apoio dos familiares e pessoas próximas. Nos dois casos é possível notar a relação entre esse apoio e a motivação desses jovens na busca da continuidade de sua educação formal.

Já na última citação aparece algo que também é muito interessante de refletir: a motivação desses jovens, neste caso da E7, está relacionada não apenas ao tempo presente, de acordo com a sua fala é uma construção, ou podemos dizer uma desconstrução para uma apropriação. Entendamos da seguinte forma, ela cresceu em um lar onde seus pais não ingressaram no ensino superior [...] eu nasci dentro de um lar onde poucas pessoas se formaram ou onde poucas pessoas pensam em entrar em uma universidade [...], em seguida ela completa dizendo que seus pais não têm culpa, pois, certamente eles não foram ensinados sobre a importância de dar continuidade à educação formal e conseqüentemente eles não saberiam como incentivar alguém a essa busca, ainda que sejam seus filhos. Ela conclui que tem que aprender sozinha.

O local que esses jovens se encontram hoje não impossibilita que eles tenham interesse de buscar algo diferente daquilo que eles foram acostumados, durante a sua criação. Projetar está relacionado a avançar, lançar... ouvimos sete histórias distintas que em alguns pontos se cruzam, um desses pontos é o “projeto de vida”. Vimos em uma das entrevistas algo que vamos chamar de “acontecimento”; a entrevistada número 01, que passou por momentos difíceis ao lidar com problemas de saúde da sua mãe, e com o entrevistado número 06

ao descobrir que seria pai, claramente nenhum dos dois fatos foi algo esperado no momento.

Assim como os dois participantes citados, outros entrevistados, como qualquer outro jovem morador da comunidade, pode ter experienciado algo que não foi projetado, de forma inesperada, como o jovem E04, que por aproximadamente um ano, precisou dar uma pausa nos seus estudos, utilizando o tempo para poder trabalhar e contribuir na renda familiar. Entretanto, após conseguir mais estabilidade financeira, ele pode continuar o seu projeto de vida que é de se tornar um operador de máquina (a máquina em questão é o computador, quando criança o primeiro sonho dele era operar um trem, tempo depois, ao ter seu primeiro contato com um computador, logo o trem foi substituído, atualmente o rapaz é estudante de Licenciatura da computação no Instituto Federal da Bahia).

Ao ouvir da E02 um sonho de infância tão bem elaborado, percebo que desde criança ela já estava projetando a sua vida, mesmo que não tivesse isso de forma clara em sua mente, e no curso da sua juventude, novos olhares e passos são dados até a realização do projeto. Fica perceptível, em alguns casos, que o indivíduo não consegue perceber os arranjos que ele está fazendo para poder alcançar o seu projeto, na maioria das vezes eles sentem como se estivesse o abandonando. Como disse no meu relato, desde muito novo tinha o desejo de estudar em uma IES, já na graduação, quando completei 3 anos de UFRB (tempo mínimo para formação no meu curso), senti a necessidade de trancar o meu semestre, para pegar um ar, no momento me sentia muito cansado e cheio, não queria desistir de fato do curso, e trancar o semestre foi uma forma que encontrei de descansar por alguns meses e retornar no semestre seguinte, para que eu tivesse melhores condições mentais de continuar.

Concluo da seguinte forma, acredito que o contexto social que um indivíduo está inserido irá contribuir muito na tomada de decisão, ao traçar projetos e metas para a sua vida, visto que é preciso perceber a realidade em que ele está; contudo, o espaço geográfico não é determinante para que ele não possa vislumbrar novas expectativas, ainda que sejam diferentes das que ele está acostumado no seu dia-a-dia.

A educação superior para os jovens dos Três Riachos

Ao abordar educação superior em nossa entrevista, iniciamos falando sobre o CAHL/UFRB – Centro de Artes Humanidades e Letras. No primeiro momento o intuito foi saber qual a percepção desses jovens com relação à Instituição citada, bem como se eles já haviam tido algum tipo de contato com ela. A resposta foi quase unânime: todos já acessaram as instalações do Campus, exceto um participante que afirmou nunca ter entrado no CAHL.

É comum ouvir da maioria dos responsáveis por jovens e adolescentes a seguinte frase: “estude para você se tornar alguém na vida” (FRANCO & NOVAES, 2001, p.178). Como visto no texto de (SPARTA & GOMES, 2005, p.48), tem se tornado cada vez mais natural a associação entre ascensão social e financeira somada ao prolongamento da educação formal, visto que em muitos casos, o terceiro grau é a porta para diversas das oportunidades que os jovens têm buscado nos últimos dias. No decorrer das entrevistas na Comunidade Três Riachos, foi possível notar que é atribuído às instituições de Ensino superior um olhar de admiração e esperança. Tanto para os entrevistados que ainda não concluíram o Ensino Médio, como para os concluintes, todos os entrevistados associam um grau de importância às IES, principalmente no que diz respeito à ascensão financeira e social.

...eu como jovem tenho planos, eu pretendo ter minha vida estabilizada e eu acredito que por intermédio da formação do ensino superior eu vou conseguir alcançar esses sonhos... Entrevistada-07

Eu não posso deixar de evidenciar o fator trabalho, mas principalmente, eu acredito que o jovem busca o curso superior por ascensão social, e como eu disse antes, econômica, o trabalho, para o jovem hoje em dia, o caminho mais... eu não vou dizer fácil, porque estudar não é fácil, mas o que é um tanto quanto já direcionado para ele, porque existe já uma instrução, para esse jovem: Quando você sair do ensino médio, se você fizer um curso superior fica mais fácil de você conseguir, uma ascensão, tanto econômica quanto social. Entrevistado-04

Dentre os participantes da pesquisa, a história se repete, e nós voltamos ao capítulo anterior, onde falo dos pontos em que as histórias se cruzam e, neste caso, é unânime, nenhum dos participantes tem pai ou mãe que possuem ou estão cursando o ensino superior.

...'

Concordamos que em toda regra há exceção, contudo, vejamos a figura abaixo, nela estão algumas causas que os participantes citaram, relacionando-as a motivação para um jovem em dar continuidade a sua educação formal, visando a priori o ensino superior.

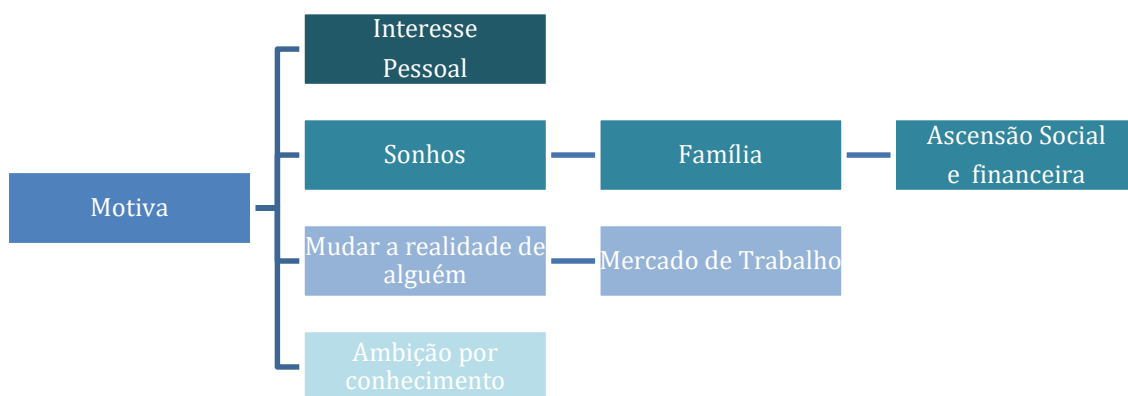


Figura 12: O que motiva os jovens dos Três Riachos, na busca do Ensino Superior. 2021

Fonte: Dados da pesquisa

A Figura 12 traz a recorrência das expressões contidas nela, da seguinte forma: as que mais aparecem durante a entrevista, de cima para baixo, ou seja, da tonalidade mais forte, para a tonalidade mais fraca, com relação às expressões que aparecem menos vezes na coleta.

Dentre algumas outras palavras, selecionamos algumas, a primeira motivação é sonho que somado à motivação pessoal foi repetido por alguns participantes. Ambas as palavras estão ligadas à pessoa e isso deve ser independente de terceiros. Em seguida temos a família como a base incentivadora e apoiadora para a concretização desse sonho. Mercado de trabalho, ascensão social e financeira são expressões que repetidamente aparecem como motivadores da longevidade escolar.

Sabemos que o mercado de trabalho tem se tornado cada vez mais exigente, no quesito qualificação (MELO; MELO & NUNES, 2009. P.281). Na busca de melhor condição de vida, surge a via de mão dupla, a necessidade do trabalho para estudar e a necessidade do estudo para ter um bom emprego.

Duas outras expressões nos chamam a atenção: a primeira delas é o fator ambição por conhecimento. Ainda que não seja algo que é muito comum, principalmente nas regiões periféricas, o fator conhecimento também aparece como motivador. A segunda é o interesse em mudar a vida de alguém, talvez isso soe de forma utópica, entretanto, entendemos que indiretamente sofremos e provocamos interferências na vida das pessoas, prosseguir motiva outras pessoas, sejam elas jovens ou não, a continuarem acreditando nos seus projetos de vida, para que eles possam permanecer buscando meios de realizá-los, como também foi observado por Santos (2018 p. 82).

Cara... os principais motivos é... vamos lá, o que me motiva é, poderia ter o que... é, uma vida ampla, tendeu? Tipo, fiz curso disso, fiz curso aquilo e tal.

... por onde eu passei mesmo, várias pessoas diziam “há, fiz faculdade disso, faculdade daquilo” e tipo, querendo ou não eu senti um pouco de falta de não ter estudado e não ter nenhuma faculdade para poder falar com as pessoas... Entrevistado-06

Então, assim, eu acho que quando a gente está no ensino médio, principalmente quem estuda em colégio público, a gente aprende de tudo e acho que aquele “tudo” é tão pouco para o que de fato a gente precisaria, porque a gente não pensa além, sabe... a gente não pensa muito, mesmo que os professores estejam ali tentando dar o seu melhor, mas, eu acredito que o que motiva o jovem a dar continuidade, seria os seus próprios sonhos, os seus próprios almejos, no meu caso eu sempre sonhei em me formar, em estar no ensino superior, por conta da minha família, por conta da minha bagagem, por conta dos meus sonhos pessoais... Entrevistada-02

...a questão da exigência acerca do mercado de trabalho, sabemos que se hoje a gente quer viver bem, quer ganhar bem, a gente precisa ter algo em mãos para poder oferecer. Não que uma pessoa que conclui o ensino médio não consiga trabalhar bem, mas, para mim, acerca da especialização, é algo importante então, na questão, eu acho que o primeiro tópico é acerca dos sonhos, dos objetivos, se você tem um objetivo de vida acerca da formação superior, ela vai te ajudar muito, principalmente se tratando, como eu falei, acerca do financeiro, e aí não como se você quisesse ser o melhor do que as outras pessoas, mas eu acredito que a gente tem que sempre buscar os melhores espaços, não o destaque em si, mas o destaque para você, você tem os seus objetivos e precisa correr atrás dos seus objetivos. Então, como eu falei acerca da oportunidade no mercado de trabalho, a gente sabe que se a gente tiver apenas o ensino médio, possa ser que a gente receba o salário mínimo, mas as vezes é que o nosso sonho tem um valor maior do que aquele salário mínimo, aí a gente vai em busca da formação superior ou então do ensino técnico, mas eu acho super necessário, super necessário na nossa vida porque, pela forma que as coisas estão caminhando, é de mal a pior... Entrevistada-07

Fazendo um apanhado geral, percebemos a graduação como algo que não é apenas pessoal, contudo, ela é uma vitória, como visto no texto de Zago (2006 p.233). Para os jovens de classe popular, oriundos de escolas públicas,

nascidos e criados na periferia, ingressar em uma graduação é uma conquista, concluir uma graduação é uma vitória. É como se fosse uma partida de futebol, os jogadores estão em campo, driblando seus adversários e um deles é o tempo, talvez seja ele o maior de todos. Além disso tem a torcida e nesse quesito não podemos deixar de lembrar que os mesmos que conseguem colocar os jogadores para cima e incentivá-los, são os mesmos capazes de desmotivá-los. Também não podemos deixar de lembrar que oficialmente existe a torcida contra, são aqueles que não admitem a conquista do time “adversário”, mesmo sabendo de todos os desafios que eles enfrentaram para chegar até o final da partida. Entretanto, o que determinará o resultado do jogo serão os esforços realizados, o foco nos resultados, independente dos desafios, como também do incentivo ou falta dele.

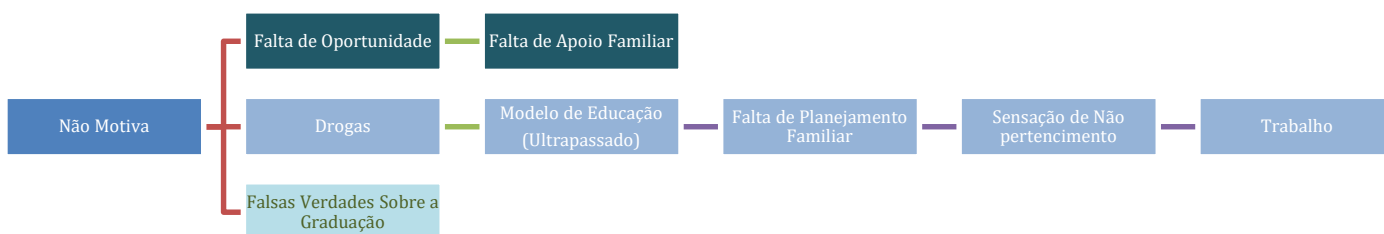


Figura 13: O que desmotiva os jovens dos Três Riachos, na busca do Ensino Superior. 2021

Fonte: Dados da pesquisa

Assim como na imagem anterior, a Figura 13 traz a recorrência das expressões contidas nela, da seguinte forma: as que mais aparecem durante a entrevista, de cima para baixo, ou seja, da tonalidade mais forte, para a tonalidade mais fraca, com relação às expressões que aparecem menos vezes na coleta.

Seguindo com a análise, partindo para a outra face da moeda, do mesmo modo que os entrevistados encontraram motivações para continuidade da educação superior, eles citaram algumas coisas que, por sua vez, podem acabar com o projeto de vida. Como visto, após o interesse pessoal, a família aparece com a base para que esse jovem continue os seus estudos e, do mesmo que a família aparece como um ponto positivo, ela também pode ser um ator negativo.

Vejam os dois aspectos que se encontram na figura acima: o primeiro é a falta de apoio familiar, neste momento, não estamos falando apenas de apoio financeiro, haja vista que talvez seja completamente inviável para as famílias residentes em bairros periféricos (claro que existem as exceções). Entretanto, me refiro ao apoio no sentido emocional, em acreditar que é possível e apoiar o desejo desse jovem em dar continuidade a sua educação formal. Ainda relacionado à família, seguimos com a questão “planejamento familiar”: mesmo com o acesso à informação e até distribuição de preservativos e anticoncepcionais, por intermédio das Unidades Básicas de Saúde, diariamente vemos meninas e meninos, cada vez mais novos, tornando-se pais e mães, mesmo antes de completarem a maior idade até em alguns casos (BESERRA; SOUSA; ALVES; GUBERT, 2015. p.630). Esse é um dos fatores que também influenciam muito. Para que uma pessoa possa dar continuidade a sua educação formal, se este indivíduo não tem um planejamento, dificilmente dará continuidade a sua educação formal. Em alguns casos, ele até abandonará a escola secundária, mesmo que seja por um tempo, até que possa encontrar melhores condições e retornar os estudos.

As faltas de oportunidades na busca de inserção no mercado de trabalho, assim como pela qualificação dentro do município, são fatores que também foram citados pelos participantes e que influenciam a motivação deles. Com o aumento do tráfico de drogas e conseqüentemente do uso, aparecem então as drogas com um dos fatores que, além de causar dependência química, tem levado muitos jovens negros e pobres para as cadeias, quando não estão sendo mortos.

Também é um desestímulo o modelo da educação, dita como arcaica, para uma geração em que as crianças, antes mesmo de falar as suas primeiras palavras e até dar os primeiros passos, já fazem uso de aparelhos eletrônicos, parece até contraditório, contudo, os pais comumente têm “emprestado” seus aparelhos celulares, tablet e até as suas TVs para entreter os pequeninos. Em contrapartida, as escolas, a saber as públicas no município, permanecem com o modelo de ensino convencional.

Além dos citados acima, temos mais duas coisas que desmotivam. A primeira dentre elas é a falsa verdade falada sobre a Educação Superior:

algumas pessoas, por acharem perda de tempo, chato, ou que a graduação não levará ninguém a lugar algum, acabam por propagar essas afirmativas e assim os jovens não se motivam a fazer algo “chato”.

A segunda coisa desmotivadora, para além de tudo isso, é o fator (não) pertencimento: mesmo estando em nossa cidade há mais de uma década, alguns dos nossos jovens não percebem o CAHL como um espaço nosso, um espaço que eles têm por direito acessar. Sendo esta uma instituição pública de esfera federal, acredito que esse sentimento é muito menor, se comparado às instituições privadas que temos próximas à cidade.

Eu acho que o que desmotiva um jovem não prosseguir mais nos estudos, fazer um curso ou algo assim, acho que seja mais as drogas, tá entendendo? As drogas é o que mais destrói sonhos, tá entendendo. Entrevistado-03

...e tem outros que param no meio do caminho por não achar oportunidade, se envolve com coisas erradas que se deixam levar por essa vida. O QUE SERIAM ESSAS COISAS ERRADAS? R. Drogas... meio do crime, param pelo caminho e não voltam mais. Entrevistado-05

Eu acho que, como eu falei, graças a Deus tem essa faculdade na cidade, mas, tipo assim, muitas vezes o jovem ele tem uma dificuldade na família, muitas vezes ele não tem um pai para ajudar no sustento, aí ele acaba esquecendo que ele tem um alvo, e ele acaba dizendo: “Não. Eu vou ter que trabalhar, vou ter que esquecer do meu sonho para sustentar minha mãe, sustentar minha família”, aí ele acaba desmotivado por esta questão, por uma dificuldade que ele tem financeiramente, aí ele prefere largar o sonho dele e seguir para ajudar a mãe, ajudar quem for para não ver passar necessidade. Entrevistada-01

Uma das entrevistadas, a número 2, sonhava em estudar na Universidade Católica de Salvador. Passados alguns anos, ela não se via naquele espaço, por variados motivos, sendo o principal a falta do poder aquisitivo, e como ela mesma disse em entrevista:

...foram os principais motivos, em especial, o do poder aquisitivo mesmo porque quando a gente para pra pesquisar os valores, eles se tornam nossos monstros, né, e naquele momento eu não via aquele lugar para mim... Entrevistada 02

Sobre a falta de motivação, ela conclui da seguinte forma:

...a gente pode querer muita coisa, mas, porque a gente não foi ensinado de fato a querer, a gostar, a querer estar, a querer esse espaço e também não tem o que desmotivar, a gente não foi motivado... Entrevistada 02

Para concluir esta investigação, abordo agora a relação paradoxal entre aspectos que aparecem nos dois pontos (Motiva x Não Motiva), são eles, aspecto Família e Trabalho. O primeiro ponto a ser falado sobre os dois aspectos citados, é que ambos têm o mesmo peso na pesquisa, ou seja, família e falta de apoio familiar aparecem 03 vezes, já trabalho e mercado de trabalho aparecem duas vezes. Deste modo, o mesmo peso que tem no ponto motivacional, eles têm no ponto oposto.

Trabalho x Mercado de trabalho – Durante as entrevistas, percebemos que a busca por melhores oportunidades de emprego é uma das motivações para que os jovens da comunidade em questão queiram dar continuidade a sua educação formal, entretanto, em contraponto com esse interesse, a realidade desses jovens pela necessidade de ajudar financeiramente em suas famílias faz com que eles comecem em atividades laborais informais e, conseqüentemente, não tenham os seus direitos trabalhistas e cidadãos garantidos, como o direito à educação. É importante ressaltar que esse quadro de não continuidade da educação formal destes jovens não se dá apenas por conta do mercado de trabalho informal. Mesmo trabalhando com carteira assinada, após dias longos e cansativos de trabalho, os jovens das classes populares nem sempre sentem-se motivados a conciliar trabalho e estudo, justamente pelas dificuldades encontradas para tal conciliação.

Além dessa relação entre trabalho e estudo, aparece na pesquisa uma outra relação interessante, primeiro ela aparece como motivadora, estamos falando da “família”, ter o apoio dos familiares, e também o interesse em mudar ou ajudar na melhoria da qualidade de vida dessas pessoas, é um grande motivador para que os jovens entrevistados continuem a sua educação formal. Algumas famílias fazem grandes esforços para garantir uma melhor qualidade na educação dos seus filhos, matriculando-os em escolas particulares, principalmente quando eles ainda estão nos anos iniciais. O outro lado da moeda é a “falta de apoio familiar”, como o entrevistado 03 disse sobre seu sonho em ser músico:... “ai foram coisas que frustrou, como pessoas também que não acreditaram no meu potencial...”. O participante não estava falando de qualquer pessoa, ele estava se referindo a pessoas próximas, talvez até pessoas da própria família, que não deram credibilidade ao potencial dele. Na ocasião, ele

já não estava muito motivado, desacreditado que conseguiria, acabou deixando o seu sonho de lado, a ponto de não ter conseguido, até o presente momento, concluir o seu ensino médio.

Assim, nós temos a família/apoio familiar como uma engrenagem: com o mesmo movimento, ela pode projetar o seu jovem, como também pode influenciá-lo à estagnação. Sendo assim, concluímos que tanto o trabalho/emprego, como a família, podem contribuir ou dificultar a percepção sobre a educação superior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: OS MENINOS DA MINHA RUA

Mesmo com os resultados obtidos na pesquisa (de 07 entrevistados, 02 estão na graduação), desde a conclusão do meu ensino médio, no ano de 2012 até a presente data, percebo um crescente no número de jovens da minha cidade e cidades próximas que são ingressantes no ensino superior. Também não posso deixar de citar aqueles jovens que, por dificuldade de inserção no mercado de trabalho, tiveram como única possibilidade, já que precisavam buscar uma fonte de renda, mudar para outras cidades em busca de encontrar essa oportunidade, que representa também, a busca de ascensão social. O que quero trazer é a minha percepção no que diz respeito ao número de jovens que passam a frequentar as instituições de ensino superior, alguns poucos em instituições privadas e a massa que está no terceiro grau nas instituições federais.

A mudança que Zago (2006) cita é uma mudança que eu começo a perceber dentro da minha comunidade. Nesses últimos anos, os jovens que querem ter uma educação formal prolongada, mesmo com as dificuldades que já conhecemos por se tratar de jovens de classe popular, têm diariamente se motivado em busca de realização, alguns em busca de realização pessoal e outros até em busca da realização do sonho de um pai, de uma mãe, ou alguma outra pessoa que deseja muito ver este jovem em uma condição social e financeira melhor, em comparação com a situação que ele se encontra no momento.

Além de notar a quantidade de pessoas que têm frequentado as instituições de ensino superior, percebemos também uma mudança comportamental nesses jovens que a frequentam. Através do diálogo, nota-se a utilização e emprego de palavras mais técnicas e menos utilizadas pela maioria das pessoas da comunidade, uma variedade de assuntos que esses jovens são capazes de discutir, ainda que não os dominem. Esses aspectos vão dando novas formas e faces às regiões periféricas, tornando-as não apenas produtoras de mão de obra para o mercado de trabalho, contudo, mostrando que as periferias podem e produzem conteúdos, que somos não apenas receptores,

somos também produtores e formadores de opinião, e acredito que a continuidade da educação formal é um grande e importantíssimo aliado para tal mudança.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO. Dicio. **Dicionário online de Língua Portuguesa**. Disponível em <https://www.dicio.com.br/sonho/>. Acesso em 10 de maio de 2021

BESERRA, Eveline Pinheiro; SOUSA, Leilane Barbosa; ALVES, Maria Dalva Santos & GUBERT, Fabiane do Amaral. Percepção de adolescentes acerca de suas atividades de vida, trabalho e lazer. **Rev. Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, 2015 set/out; 23(5:627-32).

BRITO, Leonardo Chagas. A importância dos estudos sobre interiorização da universidade e reestruturação territorial. **Espaço e economia**, 4 I, 2014.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa; NOVAES, Gláucia Torres Franco. Os jovens do ensino médio e suas representações sociais. **Cadernos de pesquisa**, nº 112, p. 167-183, março/2001.

GISI, Maria de Lourdes. A educação superior no Brasil e o caráter de desigualdade do acesso e da permanência. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v.6, n.17, p. 97-112, jan./abr.2006.

IGNACIO, Jocelene de Assis; CONCEIÇÃO, Silvano. São da favela, são doutores e cidadãos: educação como estratégia de acesso a cidadania. **VII Colóquio internacional “Educação e Contemporaneidade”**. São Cristóvão/SE/Brasil 19 a 21 de setembro de 2013.

LEÃO, Geraldo Magela Pereira. (2006). Experiências da desigualdade: os sentidos da escolarização elaborados por jovens pobres. **Educação e Pesquisa**, 32(1), 31-48.

MARCELINO, Maria Quitéria dos Santos, CATÃO, Maria de Fátima Fernandes Martins; LIMA, Claudia Maria Pereira de. Representações sociais do projeto de vida entre adolescentes no ensino médio. **Psicologia: ciência e profissão**, 29(3), 544-557, 2009

MELO, Pedro Antônio; MELO, Michelle Bianchini; NUNES, Rogério da Silva. A educação a distância como política de expansão e interiorização da educação superior no Brasil. **Revista de Ciências da Administração**, v. 11. n. 24, p. 278-304, maio/ago 2009.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. O fórum de pró-reitores de extensão das universidades públicas brasileiras: um ator social em construção. **Interfaces – Revista de extensão**, v. 1, n. 1, p.34-47, jul./nov. 2013.

NOVAES, R. Juventude e sociedade: jogos de espelhos, sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Revista Sociologia Especial: ciência e vida**, São Paulo, 2007.

PAIS, José Machado A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Análise Social**, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), 139-165.

PAIS, José Machado. Jovens e Cidadania. **Sociologia, problemas e práticas**, n.49, 2005, pp. 53-70.

RIBEIRO, Elisa Antônia; MEDEIROS, Danilo Custódio. Expansão da educação superior no Brasil na última década: surgimento de um novo cenário de acesso? **Revista Brasileira de Educação Profissional e tecnológica**, vol. 1, p. 1-18, 2020.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. O projeto profissional familiar como determinante da evasão universitária: um estudo preliminar. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 6(2), 55-70, 2005.

SANTOS, S. R. Os projetos de vida dos jovens da maior favela carioca, a Maré. **Revista De Psicologia**, 9(1), 81-96, 2018.

SPARTA, Monica; GOMES, William B. Importância atribuída ao ingresso na educação superior por alunos do ensino médio. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 6 (2), pp 45 – 53, 2005.

TEIXEIRA, Ana Maria Freitas. Narrativas de estudantes: por onde andei até chegar na Universidade. **Anais do XIV colóquio internacional “Educação e contemporaneidade”**. 24 a 25 de setembro de 2020. Volume XIV, n. 10, set.2020. Anais Educon 2020, São Cristóvão/SE, v 14, n. 10, p. 1-13, set. 2020.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 226-370

Sites e Portais consultados:

IBGE CIDADES; Cachoeira; “Disponível em:”

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/cachoeira/historico>>.” Acesso em:>;
[18/11/2020](https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/cachoeira/historico)

IPHAN; Cachoeira – (BA); “Disponível em:” ;<
<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/112>>; “Acesso em:>; 20/25/2021

MEC; O que é o REUNI; “Disponível em:” ;< <http://reuni.mec.gov.br/o-que-e-o-reuni>>; “Acesso em:>; 16/05/2021

UFRB/CAHL; sobre o CAHL; “Disponível em:” ;<
<https://www.ufrb.edu.br/cahl/cahl>>; “Acesso em:” 16/05/2021

INSTAGRAM; prefcachoeira; “Disponível em:” ;<
https://www.instagram.com/p/CQPNNEFJI_h/?utm_medium=copy_link>; “Acesso em:”
17/06/2021

Apêndices

A. Termo de consentimento livre esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar da pesquisa intitulada “OS MENINOS DA MINHA RUA: Uma análise acerca da percepção dos jovens da comunidade dos Três Riachos, Cachoeira-BA sobre a educação superior” desenvolvida pelo graduando Joilson dos Santos Araújo, estudante do Curso de Superior Tecnólogo em Gestão Pública da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), orientado pela Profa. Dra. Lys Maria Vinhaes Dantas, também da UFRB.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a percepção dos jovens da comunidade dos Três Riachos, Cachoeira-BA, acerca da Educação Superior.

Sua participação nesta pesquisa é voluntária e se dará por meio de uma entrevista semiestruturada com gravação de áudio.

Os riscos decorrentes de sua participação nesta pesquisa são: o desconforto por responder questões relacionadas ao seu ambiente de estudo e da vida pessoal, a possibilidade de atrapalhar a realização de suas atividades laborais e educacionais, a necessidade de disponibilização do seu tempo. Entretanto, como forma de minimizar/evitar tais riscos, as entrevistas serão previamente agendadas.

Esclarecemos que se V.Sa. aceitar participar desta pesquisa estará contribuindo para a construção de uma Universidade que integra em seu projeto a assistência e permanência dos seus alunos, pois através dos resultados do estudo realizado, a Instituição poderá desenvolver ações que reforçam a política de assistência estudantil.

Se depois de consentir a sua participação o (a) Sr. (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo à sua pessoa.

Ressaltamos que o (a) Sr. (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração por participar desta pesquisa. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Para qualquer outra informação, o (a) Sr. (a) poderá entrar em contato com o **pesquisador** responsável por esta pesquisa no endereço: Rua Três Riachos, 42, Centro, Cachoeira - BA, telefone (75) 99264-1611 e-mail: jottaraujo@outlook.com

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado(a) sobre os objetivos, benefícios e riscos da pesquisa acima descrita e compreendi as explicações fornecidas. Por isso, concordo em permitir a participação do meu filho _____ nesta pesquisa, sabendo que ele não terá retorno financeiro, e que pode sair a qualquer tempo.

_____, ____/____/____.
Local

Ass. do(a) Responsável

Ass. do(a) Pesquisador(a) Responsável

B. Autorização de uso de áudio

Autorização de Uso de Som de Voz

Eu, _____, autorizo o uso do som da minha voz em depoimento pessoal concedido em entrevista para compor o acervo de material da Pesquisa: **Os Meninos da Minha Rua Uma análise acerca da percepção dos jovens da comunidade dos Três Riachos, Cachoeira-BA sobre a educação superior** a ser utilizado para fins de análise de dados.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado Multimídia, "home video", DVD ("digital video disc"), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo sem qualquer ônus a UFRB, ou terceiros por esses expressamente autorizados, que poderão utilizá-los em todo e qualquer projeto e/ou obra de natureza educacional voltada à busca pela qualidade em educação, em todo território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ou som de voz do referido aluno, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Cachoeira-Ba, ____ de _____ de 2021.

Assinatura do participante

Assinatura do Representante Legal

Nome do aluno:

RG N°:

CPF N°:

Nome do Representante Legal:

RG N°:

CPF N°:

Telefone para contato:

C. Roteiro de entrevista

1. Apresente-se: Idade, estado civil, o que faz da vida atualmente... trabalha, estuda?
2. Qual a sua relação com a comunidade Três Riachos? Desde quando mora aqui, o que significa morar aqui para você...
3. Qual era o seu sonho quando Criança?
4. No ensino médio esse sonho permaneceu, o que você almejava naquele período?
5. O que você pensa sobre o CAHL (Explicar antes onde se localiza para a pessoa entender sobre o que estou falando)
6. Você já entrou lá alguma vez?
7. Já tentou estudar lá, ou em outra instituição de ensino superior?
8. O que motiva, ou não um jovem a buscar continuidade na sua educação formal, após a conclusão do Ensino Médio;